

# MAPA BILATERAL DE INVESTIMENTOS **BRASIL/EUA**



 **Brazil - U.S.**  
Business Council

**AMCHAM**  
Brasil

  
**ApexBrasil**

MINISTÉRIO DAS  
RELAÇÕES EXTERIORES

 **PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL

## Mario Vilalva

PRESIDENTE – APEX-BRASIL

## Letícia Fatichi Catelani

DIRETORA DE NEGÓCIOS – APEX-BRASIL

## Fernando Antonio Monteiro Christoph Dandrea

GERENTE DE ESTRATÉGIA DE MERCADO – APEX-BRASIL

## Igor Isquierdo Celeste

COORDENADOR DE INTELIGÊNCIA DE MERCADO – APEX-BRASIL

## Magnus dos Reis

AUTOR

SETOR DE AUTARQUIAS NORTE – CENTRO EMPRESARIAL CNC

Quadra 05, Lote C, Torre B, 12° ao 18° andar

CEP 70.040-250 – Brasília – DF

Tel.: 55 (61) 2027-0202

[apexbrasil@apexbrasil.com.br](mailto:apexbrasil@apexbrasil.com.br)

[www.apexbrasil.com.br](http://www.apexbrasil.com.br)

© 2019 Apex-Brasil

Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil).

Todos os direitos reservados.

# ÍNDICE

<b>PALAVRAS INICIAIS</b>	<b>4</b>
<b>SUMÁRIO EXECUTIVO</b>	<b>6</b>
<b>1. INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL</b>	<b>8</b>
1.1. INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO DOS EUA	8
1.1.1. COMPOSIÇÃO SETORIAL DO IED DOS EUA NO MUNDO E NO BRASIL	13
1.1.2. DADOS DAS EMPRESAS MULTINACIONAIS AMERICANAS NO EXTERIOR	15
1.2. ANÚNCIOS DE INVESTIMENTO <i>Greenfield</i> DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL	20
1.3. ESTUDO DE CASES DE EMPRESAS NORTE-AMERICANAS NO BRASIL	30
<b>2. INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO DO BRASIL NOS ESTADOS UNIDOS</b>	<b>32</b>
2.1. INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO DO BRASIL	32
2.1.1. COMPOSIÇÃO SETORIAL DO IED GLOBAL E BRASILEIRO NOS EUA	37
2.1.2. DADOS DAS EMPRESAS MULTINACIONAIS ESTRANGEIRAS NOS ESTADOS UNIDOS	38
2.2. ANÚNCIOS DE INVESTIMENTO <i>Greenfield</i> DO BRASIL NOS ESTADOS UNIDOS	42
2.3. ESTUDO DE CASES DE EMPRESAS BRASILEIRAS NOS ESTADOS UNIDOS	51

## PALAVRAS INICIAIS

O lançamento do **Mapa de Investimentos Bilaterais Brasil-Estados Unidos** traz nova perspectiva para a ampliação das relações entre as duas mais importantes economias das Américas.

Trata-se de publicação inédita, desenvolvida pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), em parceria com o Brazil-U.S. Business Council e a Amcham Brasil, com o objetivo central de apresentar dados atualizados que possam auxiliar na compreensão do ambiente de negócios dos dois países.

O Mapa de Investimentos pretende servir como estímulo aos fluxos de investimentos entre Brasil e Estados Unidos, situação que favorece o crescimento do comércio, a criação de empregos, a transferência de competências e tecnologias, o acesso a redes de marketing internacionais e a inserção do Brasil nas Cadeias Globais de Valor (CGV), além de privilegiar o incremento da produtividade, a melhoria da infraestrutura doméstica, entre outras externalidades positivas.

No recorte específico desta publicação, os investimentos entre os dois países foram estudados no período 2008-2017, e os resultados, conforme se poderá observar nas próximas páginas, indicam um intercâmbio maduro, baseado nos interesses recíprocos entre o Brasil e os Estados Unidos da América, em uma variedade de setores, desde os intensivos em trabalho até aqueles focados na economia do conhecimento.

Atualmente, a Apex-Brasil apoia projetos em 42 setores que reconhecem o mercado dos EUA como uma prioridade. No âmbito dos investimentos, os Estados Unidos da América são destaque nas atividades de promoção conduzidas pela Agência, com ênfase nos seguintes setores: Agronegócio, Automotivo, Energias Renováveis, Saúde, P&D, Infraestrutura, Petróleo e Gás, Private Equity e Venture Capital.

A Apex vem consolidando também sua posição de one-stop-business-shop para o atendimento de investidores globais interessados em oportunidades oferecidas pelo Brasil, tendo utilizado ampla expertise técnica para auxiliar na construção desta publicação.

Cabe frisar que, nos últimos anos, em conjunto com associações industriais brasileiras e outras entidades, a Apex-Brasil realizou inúmeros eventos de promoção comercial e de investimentos nos Estados Unidos da América, alguns deles em conjunto com os parceiros reunidos para a confecção desta publicação.

O Conselho Empresarial Brasil-EUA (Seção Americana) da Câmara de Comércio dos EUA (Council),

com sede em Washington D.C., é um parceiro de longa data da Agência, sendo considerado a principal organização de apoio às empresas brasileiras e norte-americanas com interesse no relacionamento econômico bilateral e na realização de negócios em ambos os mercados. O Conselho, além de representar uma variedade de indústrias, incluindo bens de consumo, defesa, energia, saúde, logística e turismo, atua para promover o investimento bilateral com base no livre comércio, livre mercado e livre iniciativa.

A Amcham Brasil, entidade brasileira centenária, é a maior associação binacional da América Latina e a maior Câmara Americana de Comércio fora dos Estados Unidos. Com mais de 5 mil empresas associadas, de variados portes e setores, tem como missão a promoção do ambiente de negócios e da competitividade das empresas instaladas no Brasil. Complementarmente à sua missão, trabalha pelo fortalecimento da relação Brasil-Estados Unidos, a fim de promover o crescimento do comércio e dos investimentos entre os dois países, tarefa para a qual o Memorando de Entendimento APEX-Amcham tem sido fundamental.

Por tudo o que precede, o presente estudo é um instrumento da mais alta relevância para a compatibilização de estratégia e aproveitamento de oportunidades, revelando não só um direcionamento importante para a relação bilateral, como também uma contribuição efetiva para decisão de negócios.

### **Cassia Carvalho**

*Diretora Executiva*

Brazil-U.S. Business Council  
U.S. Chamber of Commerce

### **Deborah Vieitas**

*CEO*

AMCHAM Brasil

### **Mario Vilalva**

*Presidente*

Agência Brasileira de Promoção da  
Exportação e Investimentos (ApexBrasil)

## SUMÁRIO EXECUTIVO

O Mapa Bilateral de Investimentos Brasil-Estados Unidos, um projeto da ApexBrasil em parceria com a AmCham Brasil e com a Brazil-U.S. Business Council, destaca o papel importante que o investimento desempenha para essa relação bilateral por meio de uma análise dos investimentos nos últimos dez anos. O mapa apresenta os fluxos e os estoques de investimento estrangeiro direto dos EUA e do Brasil por setor, localização e impacto sobre o emprego. Ele serve como uma ferramenta de apoio para os formuladores de políticas desenvolverem estratégias de comércio e investimento, além de fornecer uma visão abrangente projetada para auxiliar a orientar os agentes econômicos.

Recentemente, as exportações brasileiras para os Estados Unidos alcançaram US\$ 27,1 bilhões em 2017, alta de 16,5% em relação ao ano anterior. Nesse mesmo ano, os Estados Unidos foram o segundo principal destino das exportações brasileiras e o primeiro considerando apenas as exportações de produtos manufaturados e semimanufaturados. Por outro lado, os Estados Unidos foram a segunda maior origem das importações brasileiras, totalizando US\$ 25,1 bilhões em 2017. Do ponto de vista dos Estados Unidos, o Brasil foi o 12º lugar maior mercado de destino de suas exportações, com 2,08 % do total, e foi o 17º maior fornecedor de bens e serviços importados nos EUA em 2017, com 1,20% do total.

Segundo a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, na sigla em inglês), os Estados Unidos foram o principal destino dos fluxos globais de investimento estrangeiro direto (IED) em 2017, enquanto o Brasil ficou em terceiro lugar, atrás apenas da China (incluindo Hong Kong). Além disso, os Estados Unidos ocupam o primeiro lugar entre as origens de investimento estrangeiro direto no Brasil, quando medido por estoque, enquanto o Brasil é o décimo sexto maior investidor estrangeiro nos Estados Unidos.

Em 2017, o estoque de IED dos EUA no Brasil atingiu US\$ 68,2 bilhões, o equivalente a quase 3,3% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil. Essa razão entre o estoque de IED dos EUA sobre o PIB do Brasil foi quase o dobro da registrada na Índia e mais de três vezes a quantidade recebida pela Rússia e pela China em 2017. O IED norte-americano engloba vários setores da economia brasileira, com as maiores concentrações em finanças e seguros e mineração. Além disso, em 2015, as afiliadas norte-americanas empregaram 654.800 brasileiros, venderam US\$ 171,3 bilhões internamente e geraram US\$ 37,2 bilhões em valor agregado ao Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. De 2009 a 2015, os ativos das afiliadas dos EUA no Brasil aumentaram 29,8%, enquanto as vendas aumentaram 20,6%. Somente em 2015, as afiliadas dos EUA no Brasil exportaram para o exterior US\$ 8,5 bilhões.

Com base em uma análise dos anúncios de investimentos *greenfield* dos EUA durante 2008-2015, o Brasil ficou em 10º lugar entre os principais destinos. Para os investidores dos EUA, o estado de São

Paulo foi o destino preferido dos investimentos *greenfield*, principalmente nos setores de automotivo, comunicações, serviços financeiros e energia alternativa / renovável. O estado de Nova Iorque foi a maior origem do valor dos investimentos *greenfield* no Brasil durante o período 2008-2017.

O estoque de IED brasileiro nos Estados Unidos cresceu 356% entre 2008 e 2017, alcançando US\$ 42,8 bilhões em 2017, em comparação com US\$ 9,3 bilhões em 2008. Esses investimentos abrangiam vários setores, como metais, comércio atacadista e instituições financeiras. Em 2015, as afiliadas brasileiras empregaram 74.200 funcionários nos Estados Unidos. De 2009 a 2015, as empresas brasileiras nos Estados Unidos venderam significativamente mais internamente e geraram mais valor agregado nos Estados Unidos em comparação com outras economias, como Índia, China, Rússia e México. O Brasil foi o segundo país, entre os analisados, que mais gerou empregos, atrás apenas do México. As empresas brasileiras, em 2015, detinham US\$ 102,2 bilhões em ativos nos Estados Unidos, o dobro de 2009. Além disso, o valor vendido no mercado interno e o valor adicionado pelas subsidiárias brasileiras ao produto bruto dos EUA, em 2015, foi de US\$ 48,3 bilhões e US\$ 7,9 bilhões, respectivamente.

O investimento *greenfield* brasileiro nos Estados Unidos é concentrado na atividade manufatureira, com 64% do valor total dos anúncios do período 2008-2017. Nos Estados Unidos, o estado do Texas foi o principal destino dos investimentos *greenfield* brasileiros, especialmente nos setores de plásticos, produtos químicos e têxteis. O estado de São Paulo foi a maior origem dos investimentos *greenfield* nos Estados Unidos durante o período 2008-2017.

Em conclusão, o investimento bilateral beneficia o Brasil e os Estados Unidos e ajuda a impulsionar o crescimento econômico e a criação de empregos nos dois países. Nosso objetivo é que o Mapa de Investimento Bilateral Brasil-EUA sirva como uma ferramenta para fortalecer esse relacionamento bilateral, em particular, com os dois governos explorando as oportunidades e reforçando os laços econômicos, por meio de acordos comerciais e de investimento.

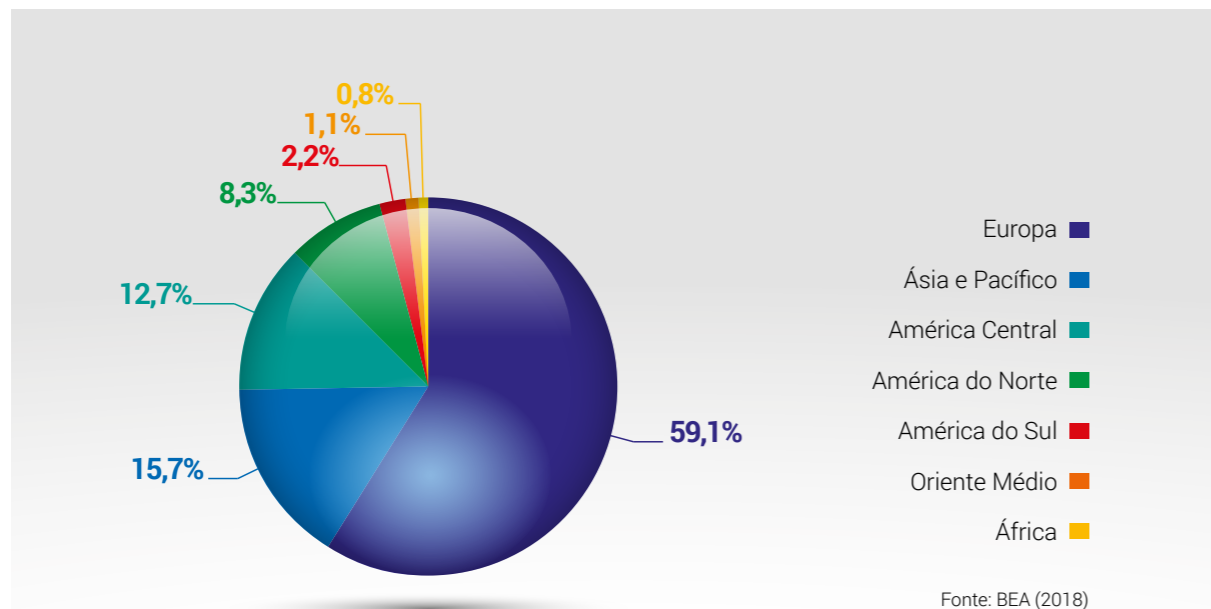
# 1. INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL

## 1.1. Investimento Estrangeiro Direto dos EUA<sup>1</sup>

De acordo com o Bureau Economic Analysis<sup>2</sup> (BEA), o estoque de investimento estrangeiro direto dos Estados Unidos no exterior era mais de US\$ 6 trilhões em 2017. Entre 2008-2017, esse estoque aumentou em US\$ 2,78 trilhões, representando um crescimento de 86%. Comparando com os dados da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, na sigla em inglês), a variação do estoque de IED dos EUA no exterior foi ligeiramente menor que a do estoque global de investimento estrangeiro direto no exterior, que cresceu 92% durante o mesmo período, com o estoque global de IED alcançando US\$ 30,8 trilhões em 2017.

A distribuição geográfica do estoque de IED dos EUA no exterior em 2017 é apresentada na Figura 1, com o estoque de IED norte-americano por região em porcentagem do total.

FIGURA 1 - Estoque de investimento direto dos EUA no mundo, em 2017, por Região (%)



Percebe-se que há uma maior concentração na Europa, com 59% do estoque de IED Americano. Além disso, a América Central tem uma participação relativa alta porque trata-se de uma região formada por países conhecidos como centros financeiros internacionais *offshore*, ou seja, por nações que possuem um estoque de IED incompatível com o tamanho de suas economias. No que diz respeito a baixa concentração do estoque de investimento dos Estados Unidos na América Latina, é importante observar que o Brasil representa aproximadamente 50% do total de IED dos Estados Unidos na América do Sul.

A Tabela 1 apresenta os 20 principais destinos do estoque de IED dos Estados Unidos em 2017, com base na participação total do estoque de IED dos EUA no mundo. A tabela também mostra a variação total no estoque norte-americano de IED entre 2008 e 2017 e a taxa de crescimento média anual em dois períodos separados, 2008-2012 e 2013-2017.

TABELA 1 - Principais destinos do estoque de investimento direto dos EUA (2008-2017)

Rank	Países	Posição (US\$ Milhões)		Participação		Varição	Crescimento Médio Anual	
		2008	2017	2008	2017	2008-2017	2008-2012	2013-2017
1º	Holanda	423.059	936.728	13,1%	15,6%	121,4%	↑ 11,2%	↑ 6,0%
2º	Reino Unido	448.412	747.571	13,9%	12,4%	66,7%	↓ 4,6%	↑ 8,6%
3º	Luxemburgo	172.251	676.418	5,3%	11,2%	292,7%	↑ 24,1%	↑ 10,1%
4º	Irlanda	150.131	446.383	4,6%	7,4%	197,3%	↑ 9,1%	↑ 19,3%
5º	Canadá	246.483	391.208	7,6%	6,5%	58,7%	↑ 10,4%	↓ 1,4%
6º	Bermuda	207.547	346.804	6,4%	5,8%	67,1%	↓ 7,7%	↑ 7,8%
7º	Ilhas do Reino Unido*	134.298	331.391	4,2%	5,5%	146,8%	↑ 13,0%	↑ 11,0%
8º	Cingapura	83.169	274.260	2,6%	4,6%	229,8%	↑ 15,0%	↑ 10,8%
9º	Suíça	133.222	249.968	4,1%	4,2%	87,6%	↓ -2,1%	↑ 18,1%
10º	Austrália	92.668	168.855	2,9%	2,8%	82,2%	↑ 15,5%	↓ 0,1%
11º	Alemanha	107.833	136.128	3,3%	2,3%	26,2%	↓ 2,9%	↓ 5,1%
12º	Japão	99.803	129.064	3,1%	2,1%	29,3%	↓ 5,8%	↓ 2,4%
13º	México	87.443	109.671	2,7%	1,8%	25,4%	↓ 4,5%	↑ 6,1%
14º	China	53.927	107.556	1,7%	1,8%	99,4%	↓ 0,3%	↑ 15,5%
15º	França	84.409	85.572	2,6%	1,4%	1,4%	↓ -2,9%	↓ 2,1%
16º	Hong Kong	40.042	81.234	1,2%	1,4%	102,9%	↑ 8,8%	↑ 9,4%
17º	<b>Brasil</b>	<b>43.953</b>	<b>68.272</b>	<b>1,4%</b>	<b>1,1%</b>	<b>55,3%</b>	<b>↑ 15,0%</b>	<b>↓ -0,5%</b>
18º	Bélgica	65.279	54.954	2,0%	0,9%	-15,8%	↓ -6,9%	↓ 1,4%
19º	Índia	18.354	44.458	0,6%	0,7%	142,2%	↑ 8,5%	↑ 15,7%
20º	Coreia do Sul	22.426	41.602	0,7%	0,7%	85,5%	↑ 9,5%	↑ 6,7%
<b>Total (20 países)</b>		<b>2.714.709</b>	<b>5.428.097</b>	<b>84,0%</b>	<b>90,3%</b>	<b>100,0%</b>	<b>8,9%</b>	<b>8,1%</b>
<b>Total no Exterior</b>		<b>3.232.493</b>	<b>6.013.335</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>86,0%</b>	<b>8,1%</b>	<b>7,0%</b>

Fonte: BEA (2018)

Notas: \*Ilhas Britânicas do Caribe.

As setas para cima (em verde) indicam que a taxa de crescimento médio anual do país é maior que a média de crescimento total, ou seja, ela demonstra se o país de destino de IED Americano foi mais dinâmico que o IED dos Estados Unidos no mundo, situação que acarretar ganhos de participação. Por outro lado, as setas para baixo (em vermelho) apontam que a taxa de crescimento médio anual daquele país é menor que a taxa de crescimento médio anual para todos os países, portanto, sugere que esses países perderam participação no período considerado.

<sup>1</sup> Os Investimentos Estrangeiros podem ocorrer sob a forma de Investimentos Estrangeiros Diretos (IED) ou de Investimentos em Carteira. Segundo definição da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), o IED se caracteriza pelo interesse duradouro do investidor no país de destino, ou seja, quando ele detém 10% ou mais das ações ordinárias ou do direito a voto em uma empresa. Complementarmente, considera-se Investimento em Carteira os valores inferiores a 10%.

<sup>2</sup> O BEA é uma agência do governo dos Estados Unidos que fornece as principais estatísticas econômicas oficiais do país. Todos os dados apresentados nesse estudo foram coletados durante o mês de agosto de 2018, de modo que eles podem sofrer revisões / atualizações após esse período.

Os 20 países listados na Tabela 1 representavam mais de 90% do estoque total de investimento norte-americano no mundo em 2017, sendo que, em 2008, eles detinham 84%. Desse modo, percebe-se uma concentração do IED dos EUA nesses países durante os 10 anos analisados (2008-2017). Deve-se notar que esse ranking apresenta vários países que são geralmente considerados centros financeiros *offshore*, incluindo Luxemburgo, Bermudas, Ilhas do Reino Unido no Caribe e Suíça, que juntos representaram mais de 26,7% do estoque total de IED dos EUA no mundo em 2017.

Entre 2008 e 2017, os cinco países que vivenciaram os maiores crescimentos foram: Luxemburgo (292,7%), Cingapura (229,8%), Irlanda (197,3%), Ilhas do Reino Unido do Caribe (146,8%) e Índia (142,2%). Por outro lado, considerando essa mesma variável e a mesma periodicidade, as cinco menores variações observadas foram: Bélgica (-15,8%), França (1,4%), México (25,4%), Alemanha (26,2%) e Japão (29,3%).

Dada a possibilidade de reversão das tendências de investimento durante o período de 10 anos, também é útil calcular taxas de crescimento anuais médias para períodos de tempo mais curtos. Nesse caso, nota-se que ocorreu uma pequena desaceleração dos investimentos americanos no mundo a partir de 2013, dado que a taxa de crescimento médio anual no período de 2013-2017 foi 1,1 ponto percentual menor que a taxa observada em 2008-2012, período em que ela atingiu 8,1%. Os países que apresentaram as maiores taxas de crescimento médio anual, no período 2008-2012, desconsiderando os centros financeiros, foram Austrália, Brasil e Cingapura com, respectivamente, 15,5%, 15% e 15%. Por outro lado, entre 2013-2017, os três maiores dinamismos foram observados na Irlanda, Índia e China, com 19,3%, 15,7% e 15,5%, respectivamente.

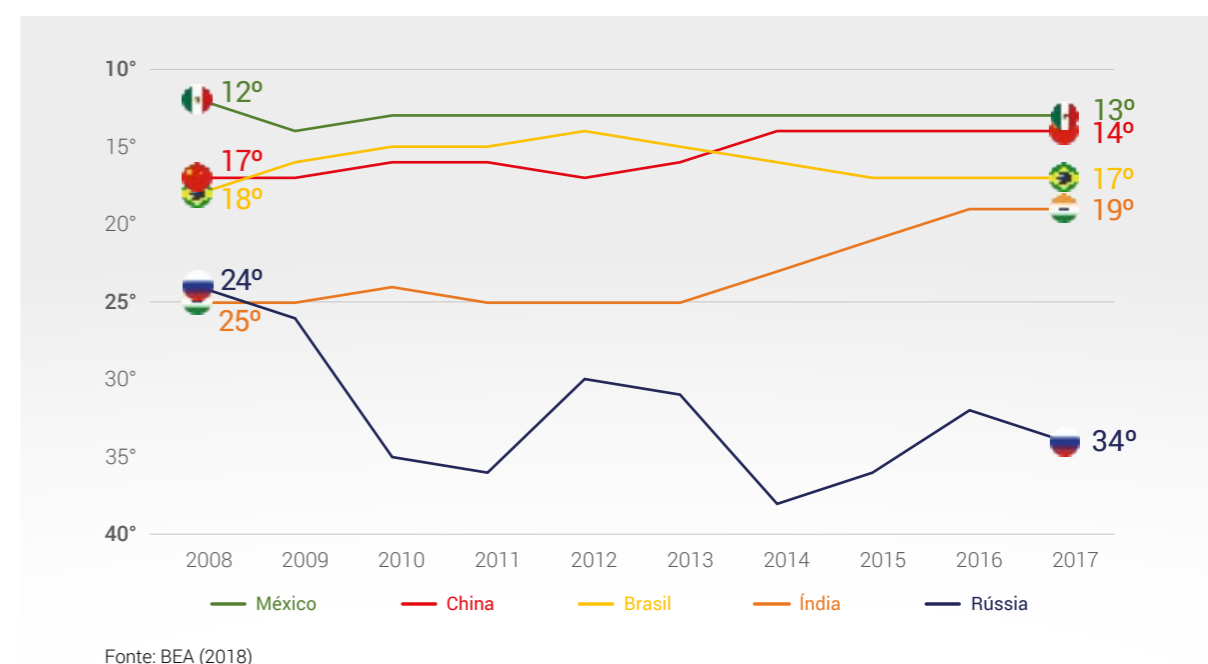
Em 2008, o estoque de IED dos Estados Unidos no Brasil alcançou US\$ 43,9 bilhões. Entre 2008-2017 o IED dos EUA no Brasil cresceu de 55,3%, totalizando US\$ 68,2 bilhões<sup>3</sup>. Apesar desse crescimento, a participação brasileira no IED total Americano no mundo caiu de 1,4%, em 2008, para 1,1% em 2017. Porém, no período entre 2008-2012, esse estoque apresentou uma taxa de crescimento médio anual de 15%, bem acima do observado para o IED total americano no exterior. De fato, o crescimento econômico brasileiro e o aumento dos preços internacionais das commodities beneficiaram a entrada de IED durante esse período.

No período 2013-2017, o estoque de IED dos EUA no Brasil caiu a uma taxa média anual de -0,5%. A desaceleração já era esperada, visto que o país enfrentou um período de fortes crises econômicas e políticas durante esse período. Após o impeachment da presidente Dilma Rousseff e com o Brasil se recuperando da recessão, o estoque de investimento direto dos Estados Unidos no país voltou a crescer, saindo de US\$ 56,8 bilhões, em 2015, para 68,2 bilhões em 2017.

<sup>3</sup> Os dados divulgados pelo Banco Central do Brasil afirmam que os norte-americanos detinham, em 2016, um estoque de IED no Brasil de US\$ 122,9 bilhões, ou seja, um valor diferente do mensurado pelo BEA. Essa diferença pode ser explicada, entre outros fatores, pelo fato da estatística do Banco Central Brasil considerar o controlador final, sem falar que as instituições podem estar utilizando metodologias distintas para mensurar o estoque de IED.

Além dessa comparação dos principais destinos do IED americano, é útil comparar o desempenho do Brasil com outras economias emergentes, especificamente: México, China, Índia e Rússia. Para esse fim, a Figura 2 demonstra como essas economias evoluíram no ranking dos principais destinos do investimento direto americano no mundo durante o período 2008-2017.

FIGURA 2 - Evolução no ranking de principais destinos do estoque de investimento direto dos EUA

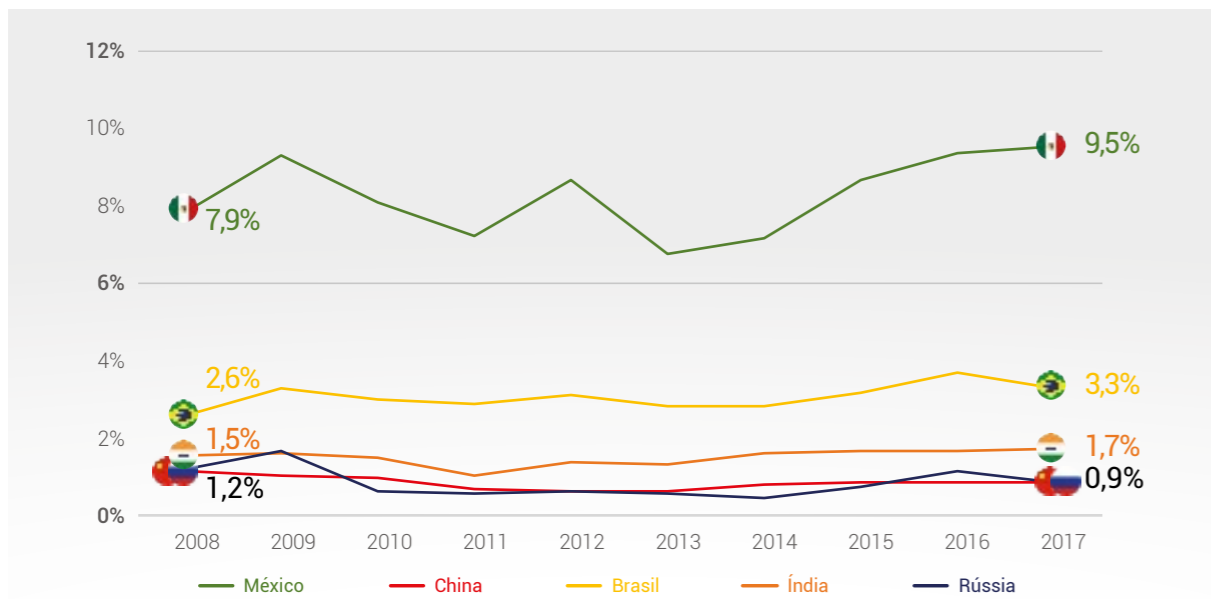


O México, praticamente, mantém uma posição estável nesse ranking, visto que, em 2008, era o 12º maior estoque de IED Americano, caindo para 13ª posição no ano de 2017. Durante esse mesmo período, China, Brasil e Índia ganharam posições, subindo das 17ª, 18ª e 25ª posições do ranking em 2008, respectivamente, para as 14ª, 17ª e 19ª posições em 2017. Dessas nações, a Índia foi o país emergente que mais ganhou posições no ranking. Por outro lado, a Rússia despencou no ranking, da 24ª posição, em 2008, para a 34ª em 2017.

Além de considerar o valor absoluto do estoque de IED dos EUA, também é útil examinar esse estoque nas economias como porcentagem dos seus respectivos PIB's, conforme mostrado na Figura 3. O estoque de IED dos EUA no México representa 9,5% do PIB em 2017, ante 7,9% em 2008, sendo o maior entre os analisados. Esse resultado não é surpreendente, devido à proximidade geográfica do México com os Estados Unidos e à longa história de relações comerciais, como evidenciado no *North American Free Trade Agreement* (NAFTA)<sup>4</sup>. O Brasil tem a segunda maior proporção do estoque de IED dos EUA em relação ao seu PIB entre esses cinco países. Em 2008, o estoque de IED nos EUA representou 2,6% do PIB do Brasil, enquanto em 2017 esse valor aumentou para 3,3%. Em 2017, o estoque de IED dos EUA no Brasil como porcentagem do PIB foi quase o dobro do da Índia e mais de três vezes o da Rússia e da China.

<sup>4</sup> A partir de novembro de 2018 o NAFTA foi substituído pelo acordo de livre comércio United States-Mexico-Canada Agreement (USMCA).

Figura 3 - Evolução do estoque de investimento direto dos EUA em economias emergentes (% PIB)



Fonte: BEA (2018)

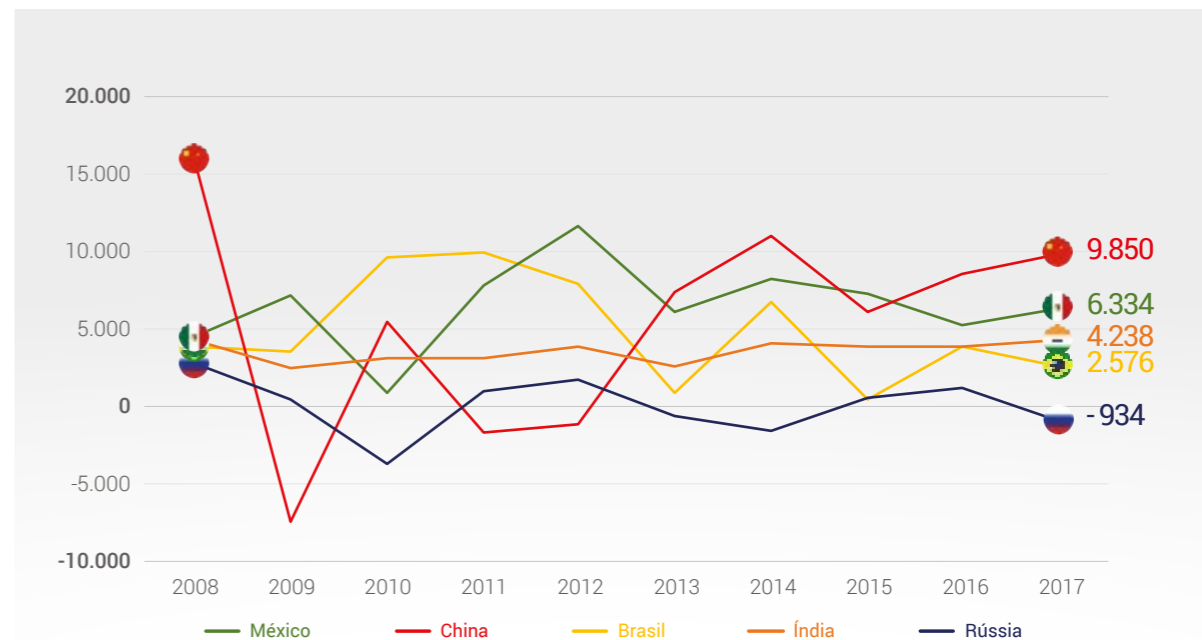
Outra maneira de analisar o IED é em termos de fluxos, e não pelo estoque<sup>5</sup>. A Figura 4 demonstra a evolução dos fluxos de Investimento Direto dos Estados Unidos nas economias selecionadas. Primeiramente, uma característica subjacente a essa variável vem à tona, a sua volatilidade. Nesse aspecto, a menor volatilidade dos fluxos de investimento americanos, no período 2008-2017, ocorreu na Índia, enquanto que a maior na China. O fluxo de investimento dos Estados Unidos ao Brasil, em 2008, somou US\$ 3,8 bilhões, enquanto que, em 2017, ele foi de US\$ 2,5 bilhões. No entanto, o pico e o vale dessa série de tempo foram, respectivamente, em 2011 e em 2015, sendo que, nesses anos, os fluxos americanos atingiram, respectivamente, US\$ 9,9 bilhões e US\$ 448 milhões.

Para mitigar essa volatilidade das análises, pode-se avaliar esses fluxos em termos médios. Entre os países selecionados, aquele que teve o maior fluxo médio de investimento americano, entre 2008-2017, foi o México, com US\$ 6,5 bilhões. Mantendo esses mesmos critérios, China, Brasil, Índia e Rússia<sup>6</sup> receberam um fluxo médio de Investimento Direto dos Estados Unidos de US\$ 5,3 bilhões, US\$ 4,9 bilhões, US\$ 3,5 bilhões e US\$ 54 milhões, respectivamente.

<sup>5</sup> O Estoque de IED para empresas subsidiárias consiste no valor da participação no seu capital e reservas atribuíveis à matriz (ou seja, aos seus ativos menos seus passivos totais), mais o endividamento líquido da subsidiária junto à matriz. Para filiais, ele refere-se ao valor de seus ativos circulantes e não circulantes, exclusive o montante devido da matriz, menos as obrigações para com terceiros. Por outro lado, o fluxo de IED para empresas subsidiárias consiste nas suas vendas líquidas de participação para a matriz e nos seus empréstimos colhidos junto a esta (incluindo aquisições de ativos não-financeiros como equipamentos, licenças de fabricação etc.) somados à participação da matriz nos lucros reinvestidos na subsidiária. Para filiais, esse valor considera o crescimento nos lucros reinvestidos mais o crescimento líquido dos fundos recebidos pela matriz.

<sup>6</sup> Possivelmente, o baixo valor do IED dos Estados Unidos na Rússia possa ser explicado pela imposição de sanções norte-americanas a essa nação que iniciaram em 2014. Ademais, os regimes de sanções dos EUA contra a Rússia aumentaram em complexidade e escopo com a promulgação da Lei Eurásiana de 2017 e com o combate à influência russa na Europa. Especificamente, as sanções contra os russos podem incluir o bloqueio de ativos russos nos EUA; a proibição de norte-americanos a se envolverem em transações relacionadas a esses ativos; embargo a certas transações e a proibição da entrada nos Estados Unidos. Fonte: Bloomberg (2018) e Congressional Research Service - IF10779 (2018): Disponível, respectivamente, em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-07-11/all-about-the-u-s-sanctions-aimed-at-putin-s-russia-quicktake>> e <[www.crs.gov](http://www.crs.gov)>

Figura 4 - Fluxos de investimento direto dos EUA em economias emergentes selecionadas (US\$ milhões)



Fonte: BEA (2018)

### 1.1.1. Composição setorial do IED dos EUA no mundo e no Brasil

A Figura 5 demonstra o estoque de IED dos EUA no exterior por setor em percentual do IED total. Em 2017, o estoque de IED dos EUA por setor<sup>7</sup> estava concentrado em "Holdings"<sup>8</sup> e "Finanças e Seguros"<sup>9</sup>, representando 49,8% e 13,7% do total, respectivamente<sup>10</sup>. Os outros três setores principais foram "Outras indústrias" (7,3%), "Comércio atacadista" (4,2%) e "Outras manufaturas"<sup>11</sup> (4,0%). Em conjunto, esses cinco setores receberam 79% do estoque total de IED dos Estados Unidos no mundo no ano de 2017.

<sup>7</sup> O BEA classifica as estatísticas de Investimento Direto dos Estados Unidos no Exterior em 17 setores, a saber: "Mineração", "Serviços de Utilidade Pública", "Alimentos", "Químicos", "Metais", "Máquinas", "Produtos Eletrônicos", "Equip. elétricos", "Equip. de Transporte", "Outras manufaturas", "Comércio atacadista", "Informação", "Instituição Financeira", "Finanças e seguros", "Serviços profissionais", "Holdings" e "Outras indústrias".

<sup>8</sup> Holding é uma sociedade gestora de participações sociais constituída com o objetivo de administrar um grupo de empresas. Uma Holding possui a maioria das ações ou cotas das empresas de um determinado grupo. Essa forma de sociedade é muito utilizada por médias e grandes empresas e, normalmente, visa melhorar a estrutura de capital, além de ser utilizada como parte de parcerias estratégicas entre empresas.

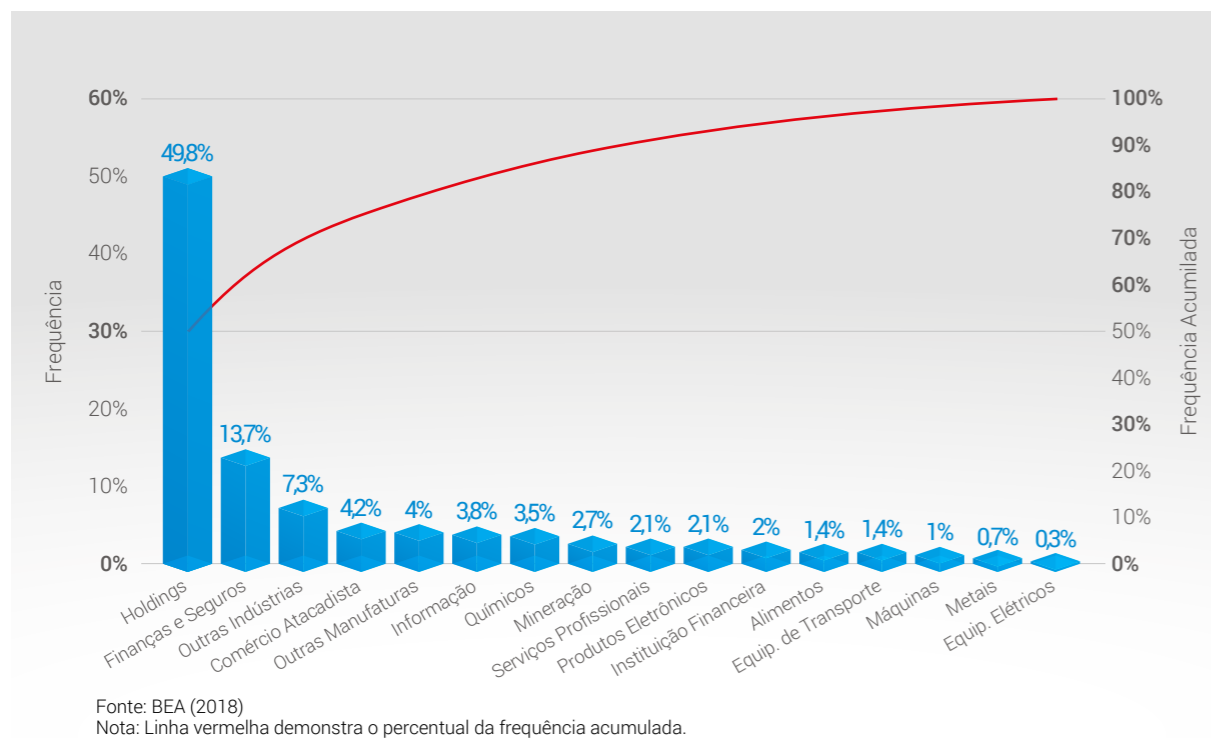
<sup>9</sup> Esses dois setores não englobam o setor bancário. O BEA define o setor bancário como Depository institutions, traduzido, neste estudo, como Instituição Financeira.

<sup>10</sup> A Figura 5 é conhecida como Diagrama de Pareto e é semelhante a um histograma. Especificamente, trata-se de um gráfico de colunas que ordena as frequências de maneira decrescente (no eixo primário), além de apresentar uma linha com a frequência acumulada (no eixo secundário).

<sup>11</sup> De acordo com o BEA, "Outras manufaturas" contempla todas as demais manufaturas que não foram classificadas em "Alimentos", "Químicos", "Metais", "Máquinas", "Produtos Eletrônicos", "Equip. elétricos" e "Equip. de Transporte".



Figura 5 - Estoque IED dos EUA no mundo por setores em 2017 (% estoque total de IED)

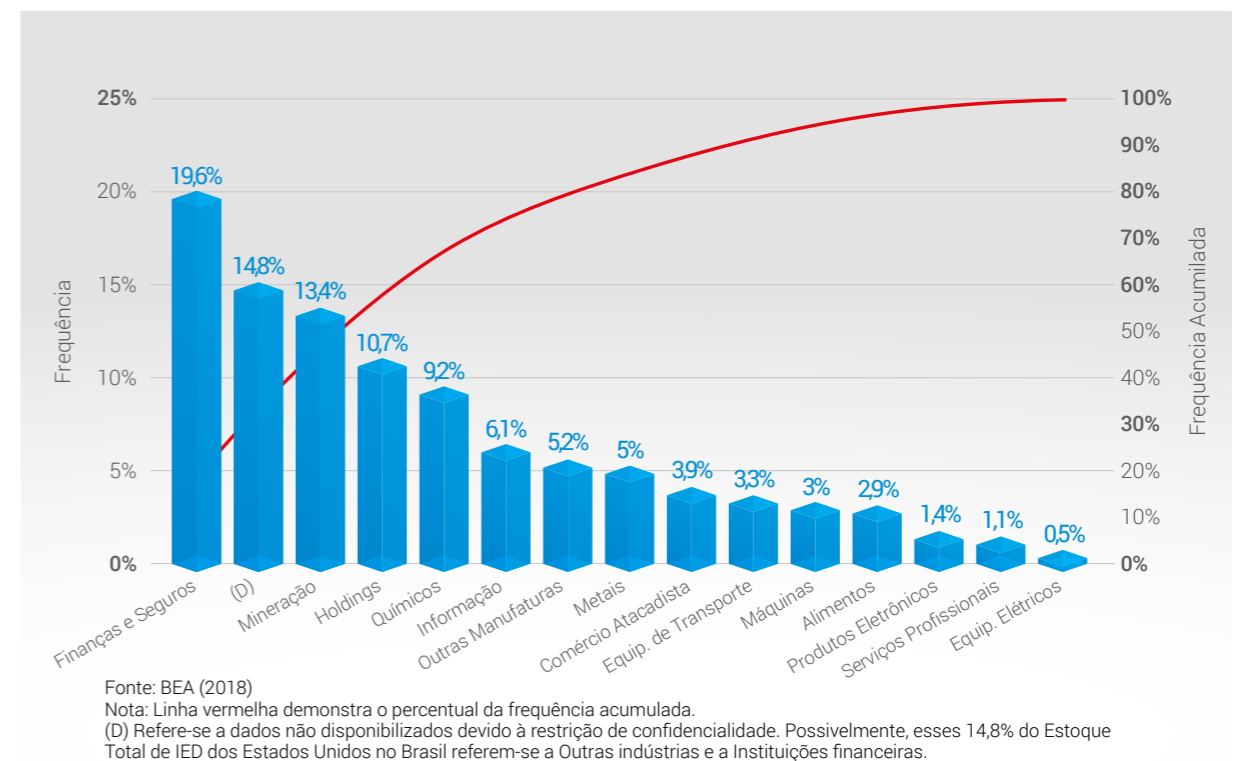


A Figura 6 avalia os investimentos setoriais americanos no Brasil em 2017. Uma comparação dos valores nas Figuras 5 e 6 ilustra as diferenças na composição setorial do IED dos EUA no mundo e no Brasil. Por exemplo, os cinco principais setores com os maiores percentuais de estoque de IED dos EUA no Brasil foram de 67,7%, comparado a 79% dos cinco principais setores globalmente.

No Brasil o setor de “Finanças e Seguros” é o que atraiu o maior percentual de IED dos EUA em 2017, com 19,6% do total, enquanto ele representou 13,7% do estoque total de IED norte-americano no mundo. O outro setor que ficou entre os cinco primeiros no Brasil e no mundo foi o de “Holdings”, que representaram 10,7% do estoque total de IED dos EUA no Brasil; muito inferior à participação global de 49,8%. “Mineração” e “Químicos” também representaram uma parcela relativamente maior do IED americano no Brasil do que no mundo.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> As teorias econômicas existentes dos determinantes do IED consideram a obtenção por recursos naturais, a busca por eficiência (estratégia de verticalização das multinacionais e inserção nas cadeias globais de valor), a procura por mercados (estratégia horizontal para abrir novos mercados) e os aspectos políticos. Nesse sentido, os estudos empíricos sobre os determinantes do IED utilizam modelos cujas variáveis explicativas contemplam a disponibilidade de recursos naturais, o custo de mão de obra, a qualidade da mão de obra, os custos de produção, a infraestrutura (eficiência e qualidade), o tamanho e crescimento da economia, o acesso preferencial aos mercados, a renda per capita, as preferências dos consumidores, o grau de abertura comercial, as questões políticas comerciais, os impostos, a inflação, a taxa de câmbio, entre outras.

Figura 6 - Estoque de IED dos EUA no Brasil por setores em 2017 (% estoque total de IED)



### 1.1.2 Dados das Empresas Multinacionais Americanas no Exterior<sup>12</sup>

A Tabela 2 apresenta indicadores de desempenho das filiais norte-americanas no exterior, em termos de valor de ativos, vendas e valor adicionado ao produto doméstico, além do número de empregos. Além disso, a tabela inclui o desempenho das empresas dos Estados Unidos no mundo para servir de benchmark. As filiais norte-americanas no exterior detinham um total de ativos de US\$ 24,9 trilhões em 2015 e empregavam 14,1 milhões de pessoas fora dos Estados Unidos.

As empresas multinacionais americanas detinham um total de ativos no Brasil de US\$ 268,3 bilhões em 2015. Entre 2009 a 2015, esses ativos aumentaram 29,8%, o que equivale a uma taxa de crescimento médio anual de 4,4%. Esse crescimento se refletiu no número de empregados, com empresas americanas gerando 131.900 novos empregos no Brasil de 2009 a 2015. Nesse mesmo período, as vendas domésticas das empresas americanas em território brasileiro cresceram 20,6%, alcançando US\$ 171,3 bilhões em 2015, apesar da redução no valor adicionado observada entre 2009 a 2015.

<sup>13</sup> As estatísticas de IED anteriores estão intimamente relacionadas com as estatísticas das empresas multinacionais americanas no exterior (Activity of Multinational Enterprises - AMNE), também fornecidas pelo BEA, e, portanto, são complementares. No entanto, a diferença é que as estatísticas de IED cobrem as relações de controle (> 50% da propriedade) e de influência (entre 10% e 50% da propriedade), enquanto as estatísticas da AMNE cobrem apenas as relações de controle. Ademais, outra diferença está na classificação por país, visto que as estatísticas do IED são classificadas de acordo com o país de investimento imediato, enquanto as estatísticas do AMNE consideram o país de investimento final.

Tabela 2 - Indicadores de desempenho das empresas Americanas nas economias emergentes

País	Variável	Valor		Variação		Crescimento Médio Anual
		2009	2015	2009-2015	2009-2015	
Brasil	Ativos	206.617	268.260	29,8%	4,4%	
	Vendas	142.023	171.321	20,6%	3,2%	
	Valor Adicionado	37.427	37.270	-0,4%	-0,1%	
	Empregos	522.400	654.300	25,2%	3,8%	
China	Ativos	190.914	391.464	105,0%	12,7%	
	Vendas	143.702	357.372	148,7%	16,4%	
	Valor Adicionado	30.442	66.366	118,0%	13,9%	
	Empregos	941.000	1.713.700	82,1%	10,5%	
Índia	Ativos	81.193	130.679	60,9%	8,3%	
	Vendas	42.011	79.153	88,4%	11,1%	
	Valor Adicionado	14.575	26.898	84,5%	10,8%	
	Empregos	518.00	1.138.700	119,8%	14,0%	
México	Ativos	296.904	438.590	47,7%	6,7%	
	Vendas	167.483	240.907	43,8%	6,2%	
	Valor Adicionado	30.990	45.720	47,5%	6,7%	
	Empregos	969.100	1.374.300	41,8%	6,0%	
Rússia	Ativos	42.665	58.874	38,0%	5,5%	
	Vendas	28.012	41.215	47,1%	6,6%	
	Valor Adicionado	7.373	9.513	29,0%	4,3%	
	Empregos	106.100	172.400	62,5%	8,4%	
<b>Mundo</b>	<b>Ativos</b>	<b>18.775.261</b>	<b>24.894.401</b>	<b>32,6%</b>	<b>4,8%</b>	
	<b>Vendas</b>	<b>4.783.647</b>	<b>5.950.947</b>	<b>24,4%</b>	<b>3,7%</b>	
	<b>Valor Adicionado</b>	<b>1.144.957</b>	<b>1.358.772</b>	<b>18,7%</b>	<b>2,9%</b>	
	<b>Empregos</b>	<b>10.793.900</b>	<b>14.081.000</b>	<b>30,5%</b>	<b>4,5%</b>	

Fonte: BEA (2018)

Em 2015 e entre os países analisados, as empresas americanas alocaram uma maior parcela de seus ativos no México, seguido por China, Brasil e Índia, atingindo US\$ 438,6 bilhões, US\$ 391,5 bilhões, US\$ 268,3 bilhões e US\$ 130,7 bilhões, respectivamente. Porém, em termos de variação entre 2009 a 2015, a China foi o país mais beneficiado, com um crescimento dos ativos americanos em seu território de 105% no período. Ainda, as empresas americanas geram o maior valor adicionado ao produto chinês, sendo também o mercado que elas mais vendem domesticamente.

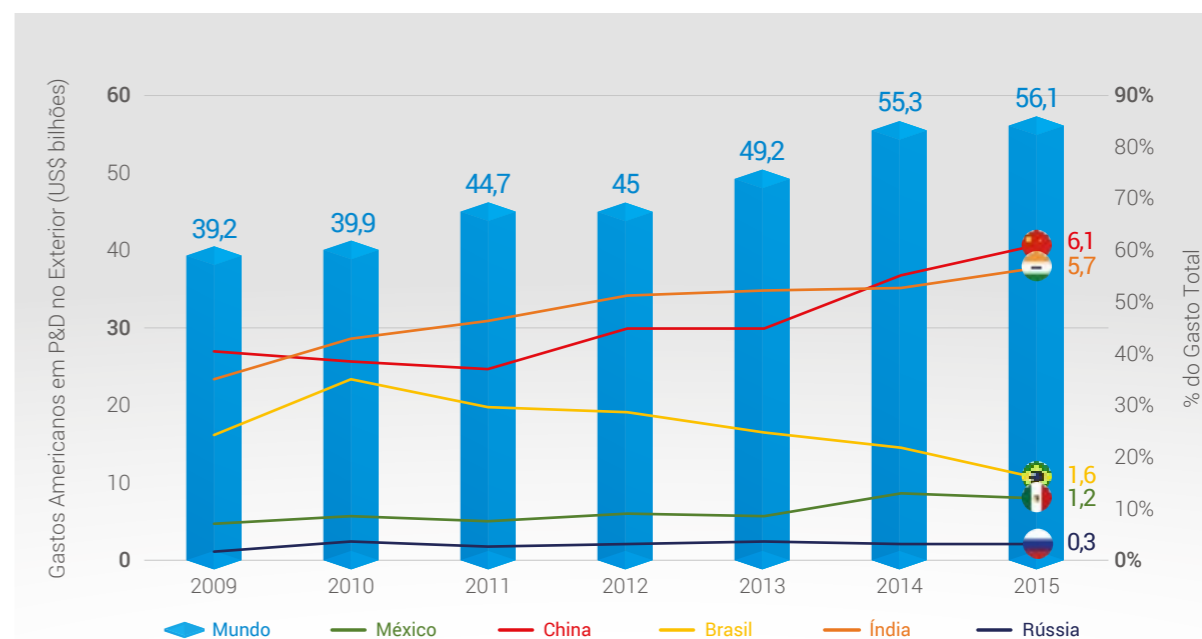
Por outro lado, proporcionalmente ao número de ativos nesses destinos, os americanos geram mais empregos na Índia, com um total 1,1 milhão de indianos contratados no ano de 2015. Isso, possivelmente, pode ser explicado pelos setores contemplados pelos investimentos americanos no território indiano, os quais se concentram em atividades intensivas no fator trabalho, a saber: "Informação" e "Serviços Profissionais".

O valor que o IED destina à P&D é outro ponto de extrema importância a ser considerado, especialmente para as economias em desenvolvimento, dadas as externalidades positivas que esses desembolsos podem

proporcionar às economias locais. Nesse sentido, a Figura 7 demonstra a evolução dos gastos em P&D das empresas americanas no mundo e nos países selecionados. Os gastos em P&D das subsidiárias estadunidenses no exterior alcançaram US\$ 39,2 bilhões no ano de 2009 e aumentaram para US\$ 56,1 bilhões em 2015, um crescimento de aproximadamente 43% no período.

Entre 2009-2015, as multinacionais americanas mais que dobraram os desembolsos em P&D na China e na Índia, atingindo, respectivamente, um percentual de 6,1% e 5,7% do total de gastos em P&D dos Estados Unidos no exterior em 2015. O Brasil ficou à frente do México e da Rússia, recebendo 1,6% do gasto norte-americano de P&D no Mundo em 2015, o equivalente a US\$ 884 milhões. No Brasil, os gastos norte-americanos em P&D aumentaram de 2009 a 2010, mas recuaram a cada ano até 2015. Uma tendência oposta é observada no México, que experimentou um crescimento constante nos gastos anuais em P&D de 2011-2014, com um leve declínio de 2014 para 2015. Na Rússia, os gastos em P&D permaneceram em um nível muito baixo entre 2009 e 2015, atingindo um pico de US\$ 213 milhões em 2014.

Figura 7 - Gastos em P&D do IED Americano no mundo em países selecionados



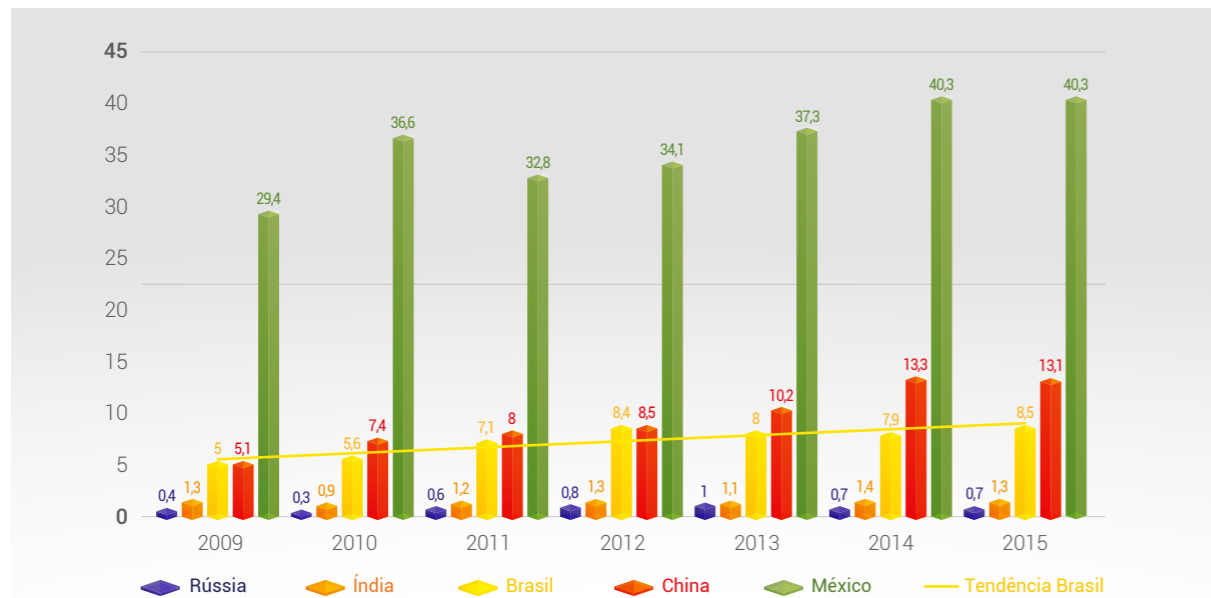
Fonte: BEA (2018)

Além das variáveis já apresentadas, o BEA fornece o valor exportado e importado em bens pelas filiais americanas no exterior, como demonstrado nas Figuras 8 e 9. Vale a pena notar que o comércio bilateral entre México e Estados Unidos foi muito maior do que o observado nas outras nações analisadas, principalmente devido à proximidade geográfica e ao NAFTA.

As filiais americanas no Brasil, México e China, aumentaram significativamente suas exportações entre 2009 e 2015. Considerando isso e o crescimento no estoque de IED dos EUA, há indícios que

o IED americano é complementar às exportações no Brasil, México e China.<sup>14</sup> Ademais, isso pode indicar que as multinacionais norte-americanas no exterior se integraram melhor às Cadeias Globais de Valor (CGV) nesses mercados, se comparada a Índia e a Rússia.<sup>15</sup>

Figura 8 - Exportações das filiais americanas em mercados emergentes (US\$ Bilhões)



Fonte: BEA (2018)

Em termos mais concretos, em 2015 as filiais norte-americanas no México, China e Brasil exportaram para o exterior, aproximadamente, US\$ 40,3 bilhões, US\$ 13,1 bilhões e US\$ 8,5 bilhões, respectivamente. Entre essas três nações, o maior crescimento ocorreu na China, com uma variação de 158,1% entre 2009 a 2015. Isso contrasta com o que ocorreu na Índia, em que o valor das exportações de bens pelas multinacionais americanas permaneceu praticamente estável em 2009 e 2015, atingindo, aproximadamente, US\$ 1,3 bilhão em exportações.

As importações das filiais americanas no exterior entre 2009 e 2015 aumentaram na Índia, México e China, com uma variação de 316,1%, 86,7% e 56,9% no período, respectivamente. No Brasil essa forte tendência não foi observada, apesar do crescimento em alguns anos do período analisado. Assim, há indícios de que o IED norte-americano é complementar às importações na Índia, China e México, porém parece ser substituto no Brasil. Em termos de valor, no ano de 2015, as filiais americanas no México, China, Brasil e Índia importaram, respectivamente, US\$ 65,2 bilhões, US\$

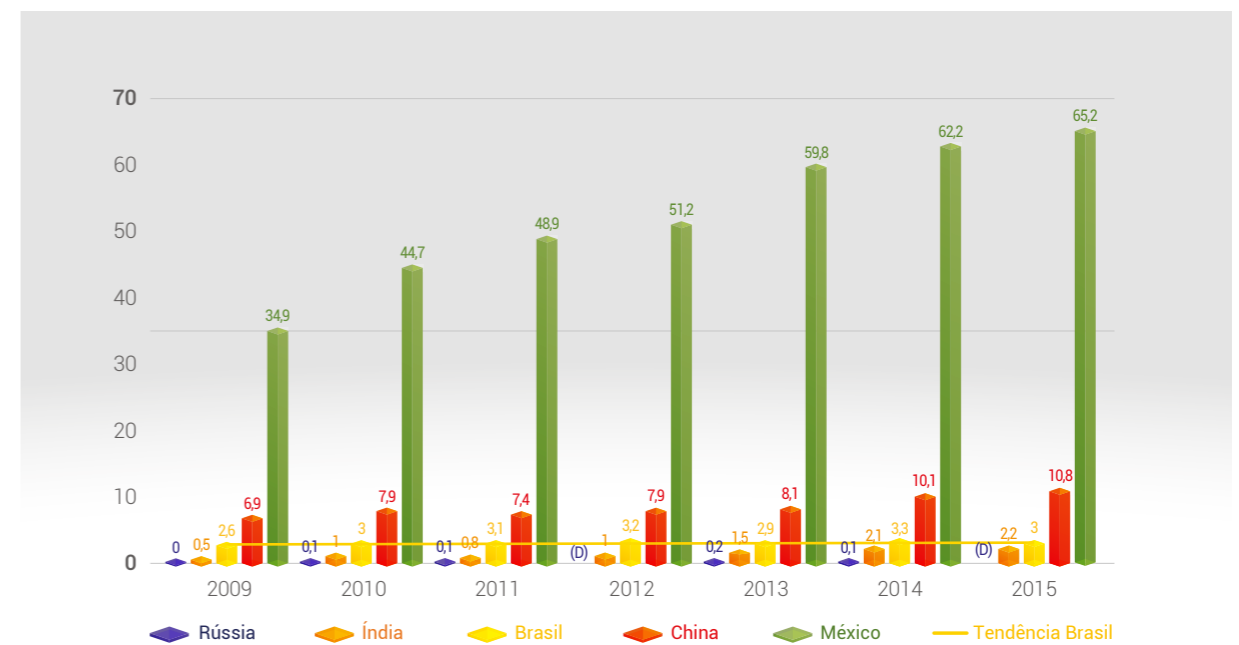
<sup>14</sup> Existe uma vasta literatura na economia que trata se o IED é substituto ou complementar as exportações e importações. No entanto, para realizar inferências mais concretas, faz-se necessário estimar modelos econométricos nos quais permitem tirar conclusões mais robustas. Por isso, esse trabalho sugere apenas que há indícios de complementariedade ou substituição entre o IED e as exportações e importações. [Veja FIORENTIN, G. P.; AZEVEDO, A. F. Z.; REIS, M. A Relação entre Investimento Estrangeiro Direto e Comércio Internacional no Brasil entre 2001 e 2012. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, v. 48, p. 7-36, 2018]

<sup>15</sup> Mais uma vez, trata-se apenas de um indício, uma vez que para ter conclusões mais robustas é necessário utilizar dados de comércio internacional por valor adicionado em modelos de equilíbrio geral computável ou, ainda, por meio de indicadores ou matrizes insumo-produto.

10,8 bilhões, US\$ 3,0 bilhões e US\$ 2,2 bilhões em bens. Vale ressaltar que esses valores são muito superiores ao valor importado pelas subsidiárias norte-americanas na Rússia, que importaram US\$ 18 milhões em 2009 e US\$ 62 milhões em 2014.

Além disso, em 2014 o valor da razão entre essas exportações e as importações das multinacionais americanas no exterior é maior que um (>1) no Brasil, China e Rússia<sup>16</sup>, enquanto que no México e na Índia ela é menor que um (<1). Vale lembrar que se essa razão for positiva, então a contribuição das multinacionais norte-americanas para o saldo balanço comercial desses países hospedeiros é superavitária e, caso contrário, é deficitária.

Figura 9 - Importações das filiais americanas em mercados emergentes (US\$ Bilhões)



Fonte: BEA (2018)

Nota: (D) Refere-se a dados não disponibilizados devido à restrição de confidencialidade. Valores não disponíveis para a Rússia nos anos de 2012 e 2015.

Uma outra forma de avaliar o IED é por meio de estatísticas desagregadas as quais permitem aprofundar as análises. Nesse sentido, uma distinção frequentemente feita pela literatura é desagregar os dados de IED em termos de investimentos *greenfield* daqueles relacionadas as fusões, aquisições e participações, conhecidos como *brownfield*. A razão intrínseca para essa diferenciação é que os impactos econômicos locais de curto prazo dessas duas modalidades de investimento são muito diferentes em termos de crescimento econômico e empregos. Isso porque os investimentos *greenfield* são aqueles que envolvem a construção de novas plantas ou a expansão das existentes, enquanto que os de *brownfield* não necessariamente expandem a capacidade produtiva do país, uma vez que ocorre apenas uma troca controle acionário entre residentes e não-residentes.

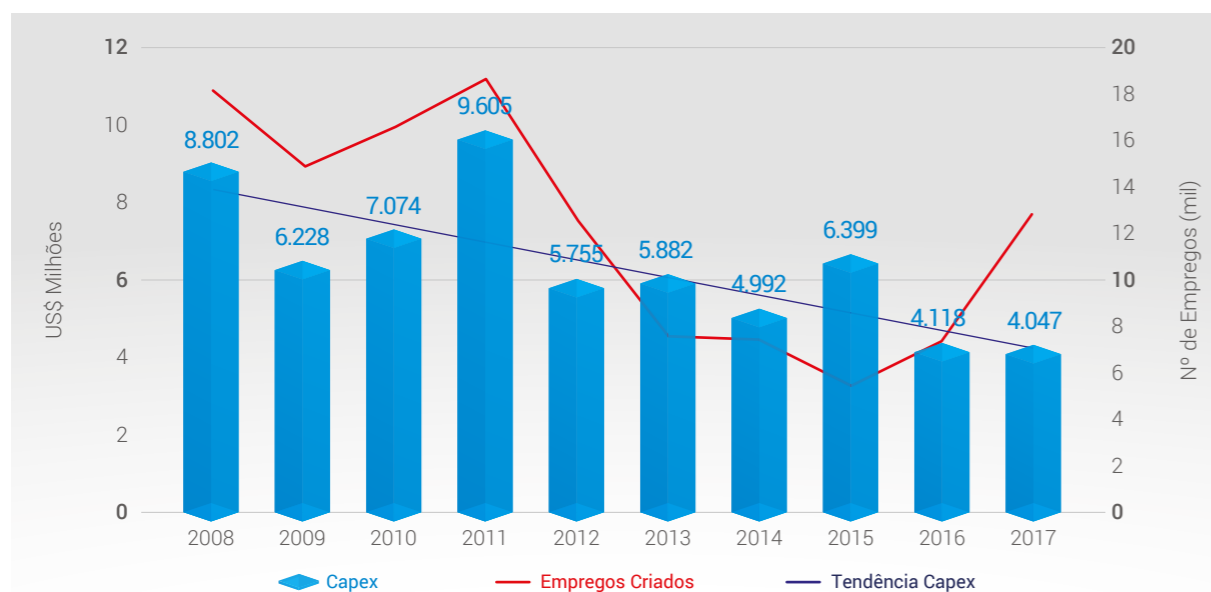
<sup>16</sup> Dados de 2014.

## 1.2. Anúncios de Investimento *Greenfield* dos Estados Unidos no Brasil<sup>17</sup>

Os anúncios de investimento *greenfield* podem ser utilizados para indicar tendências e podem ser considerados um indicador para o valor do estoque de IED futuro. De acordo com os dados do fDi Markets, o Brasil foi o décimo principal destino de anúncios de investimento *greenfield* americano no Mundo<sup>18</sup>, com um valor acumulado de investimentos de US\$ 62.901 milhões entre 2008 e 2017. Esses investimentos *greenfield* envolveram 894 projetos de investimento produtivo em 37 setores diferentes que foram feitos por 573 empresas americanas.

A Figura 10 apresenta a evolução dos anúncios de investimento *greenfield* dos EUA no Brasil, entre 2008 e 2017, em termos de valor estimado de investimentos (US\$ milhões) e de número de empregos. Os anúncios de investimento *greenfield* dos EUA no Brasil em 2008 foram mais que o dobro do registrado em 2017, quando atingiram o menor valor observado durante essa série histórica. A partir de 2011, há uma tendência de queda no valor dos investimentos anunciados. Em 2011 se registrou não apenas o maior volume de anúncios de investimentos, como também o maior número de empregos gerados, com expectativas de US\$9,6 bilhões em investimentos e 18.681 novos empregos no Brasil.

Figura 10 - Evolução dos anúncios de investimento *greenfield* dos EUA no Brasil



Fonte: fDi Markets (2018)

<sup>17</sup> O fDi Markets (um serviço do Financial Times) acompanha os anúncios de projetos de investimento *greenfield*, que incluem novos projetos de investimentos produtivos ou investimentos em companhias existentes que envolvam expansão física e/ou geração de empregos. Assim, operações de fusões e aquisições e outros investimentos em participação não são considerados, pois neles não há expansão física imediata. É importante levar em conta que todos os dados e detalhes sobre esses projetos de investimentos se baseiam em informações públicas sobre os anúncios de investimentos das empresas, mas nem todos os investimentos realmente se concretizam. Além disso, as informações de capitais investidos e de número de postos de trabalho criados nem sempre são disponibilizadas pelas empresas e, nesses casos, os valores são estimados pelo fDi Markets, segundo metodologia própria.

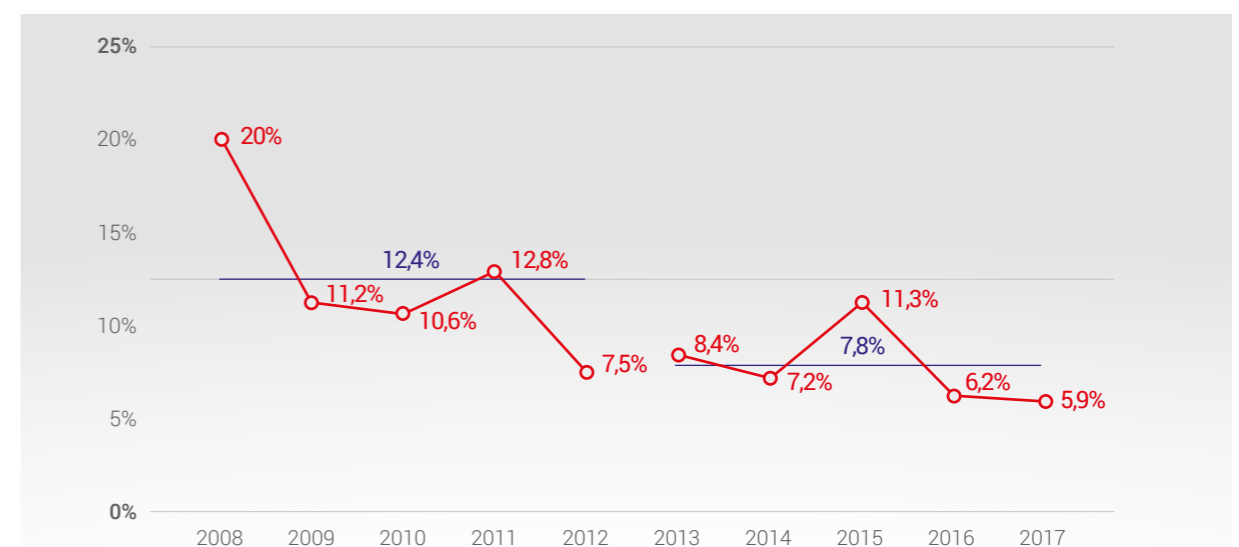
<sup>18</sup> Considerando a mesma periodicidade, os nove principais destinos dos anúncios de investimento *greenfield* americano no mundo, portanto, os países que estavam à frente do Brasil, em ordem crescente, são: Reino Unido, China, Índia, Alemanha, Canadá, México, Austrália, França e Cingapura.

Ademais, o número de empregos caiu significativamente entre 2011 e 2015, porém, voltou a crescer em 2016 e 2017, anos em que as empresas americanas anunciaram, respectivamente, 7.377 e 12.848 novas vagas de trabalho no Brasil. Essa retomada do crescimento no número empregos contrasta com a redução do valor de investimentos anunciados nesse mesmo período. No entanto, essa aparente contradição deve-se ao fato que os investimentos *greenfield* americanos, em território nacional, nos anos de 2016 e de 2017, destinaram-se a setores mais intensivos em trabalho.

Outra maneira de avaliar essas estatísticas de investimento *greenfield* é ponderando o valor do anúncio pelo estoque total de investimento direto, como foi apresentado na Figura 11. O valor dos anúncios de investimento *greenfield* dos EUA no Brasil como porcentagem do estoque investimento existente pode ser usado como um indicador do potencial de crescimento desse estoque no futuro, desde que os anúncios sejam confirmados. As linhas tracejadas na Figura 11 referem-se à média dos valores observados para cada subperíodo.

Por essa perspectiva, os anúncios de investimento *greenfield* americano no Brasil também apresentaram uma forte tendência de queda no período entre 2008-2017. Em 2008, o valor dos anúncios de investimentos alcançou 20% do valor do estoque total dos Estados Unidos em território brasileiro, ao passo que, em 2017, esse percentual caiu para apenas 5,9%.

Figura 11 - Anúncios de investimento *greenfield* dos EUA no Brasil em % estoque de IED

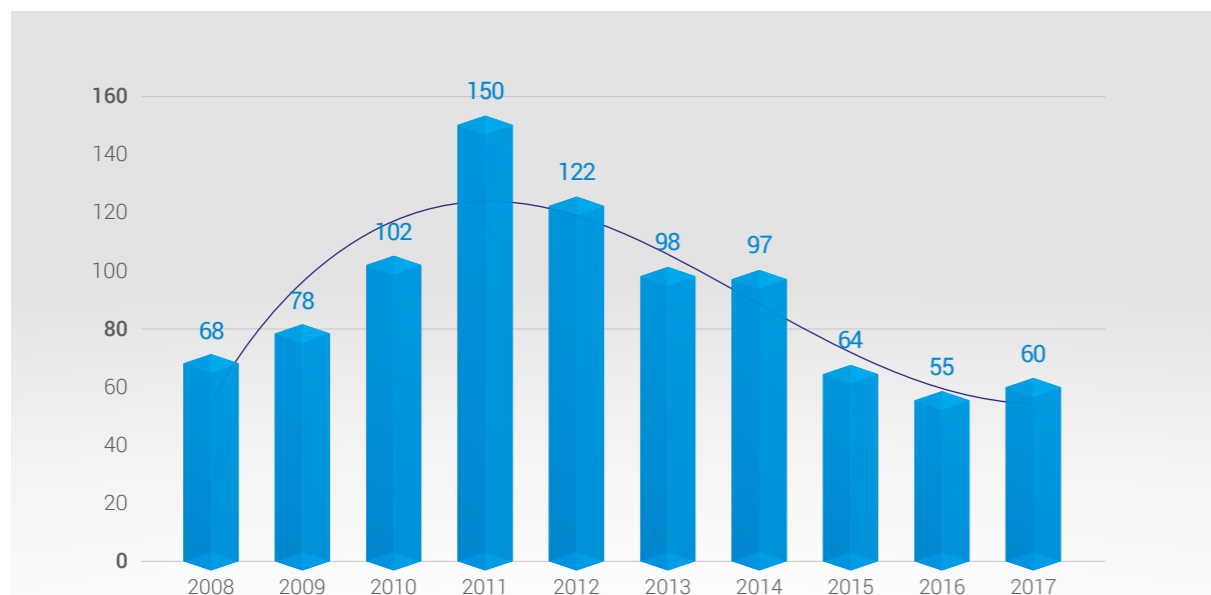


Fonte: fDi Markets (2018) e BEA (2018)

Não obstante, em termos médios, o percentual observado no período 2008-2012 foi de 12,4%; um valor muito maior que o calculado para os anos 2013-2017, que foi de 7,8%. Essa análise reforça a desaceleração observada na taxa de crescimento média do estoque de investimento norte-americano

no Brasil que foi exibida anteriormente na Tabela 1. O número de anúncios de projetos de investimento *greenfield* dos Estados Unidos no Brasil demonstra uma tendência ligeiramente diferente da observada nos valores desses investimentos, como demonstrado na Figura 12.

Figura 12 - Número anúncios de projetos de investimento *greenfield* dos EUA no Brasil



Fonte: fDi Markets (2018)

Entre 2008 e 2011, o número de anúncios de projetos de investimento cresceu de 68 para 150, respectivamente. Entretanto, após esse período, os anúncios foram sendo gradualmente reduzidos até atingir o menor valor observado da série, que ocorreu em 2016, quando foram anunciados apenas 55 projetos. Entretanto, uma recuperação pode ser notada em 2017, com o anúncio de 60 projetos de investimento *greenfield*, muito embora esse crescimento em relação ao ano anterior seja ainda muito tímido.

A Tabela 3 acumula o valor dos anúncios de investimentos *greenfield* dos Estados Unidos no Brasil por setores durante 2008-2017. O setor de “Comunicações” foi o que recebeu a maior quantidade de investimento durante esse período, com 26% do total de anúncios de investimento. Esses anúncios totalizaram US\$ 16,3 bilhões entre 2008-2017 e foram coordenados por 64 empresas americanas, por meio de 88 projetos, nos quais a expectativa era de gerar 9.277 novos empregos no Brasil.

Tabela 3 - Setores com investimentos *greenfield* anunciados pelos EUA no Brasil\*

Setor	Projetos	Capex (US\$ milhões)	Participação	Empregos Criados	Empresas
Comunicações	88	16.358	26,0%	9.227	64
Automotivo (Montadoras)	25	6.409	10,2%	16.982	9
Metais	18	5.631	9,0%	7.077	8
Serviços financeiros	45	5.481	8,7%	1.959	42
Energia alternativa / renovável	20	5.190	8,3%	1.826	15
Carvão, petróleo e gás natural	12	5.001	8,0%	1.905	11
Componentes automotivos	23	2.807	4,5%	7.423	12
Químico	58	2.637	4,2%	5.031	44
Alimentação e fumo	29	1.768	2,8%	6.266	15
Semicondutores	9	1.582	2,5%	4.791	6
Máquinas, equip. e ferramentas industriais	57	1.475	2,3%	6.492	45
Software e serviços de TI	189	1.236	2,0%	13.268	139
Outros (25)	321	7.325	11,6%	39.480	248
<b>Total</b>	<b>894</b>	<b>62.901</b>	<b>100,0%</b>	<b>121.727</b>	<b>573</b>

Fonte: fDi Markets (2018)

\*Refere-se ao valor acumulado no período 2008-2017.

O segundo maior valor acumulado de anúncios de investimento *greenfield* dos Estados Unidos no Brasil, entre 2008-2017, ocorreu no setor “Automotivo (Montadoras)”. Nesse setor, as empresas americanas anunciaram US\$ 6,4 bilhões de investimentos, o equivalente a 10,2% do total de investimento *greenfield* norte-americano no país nesse período. O setor “Automotivo (Montadoras)” também se destaca pelo impacto nos empregos, com uma expectativa de gerar 16.982 novas vagas no território brasileiro.

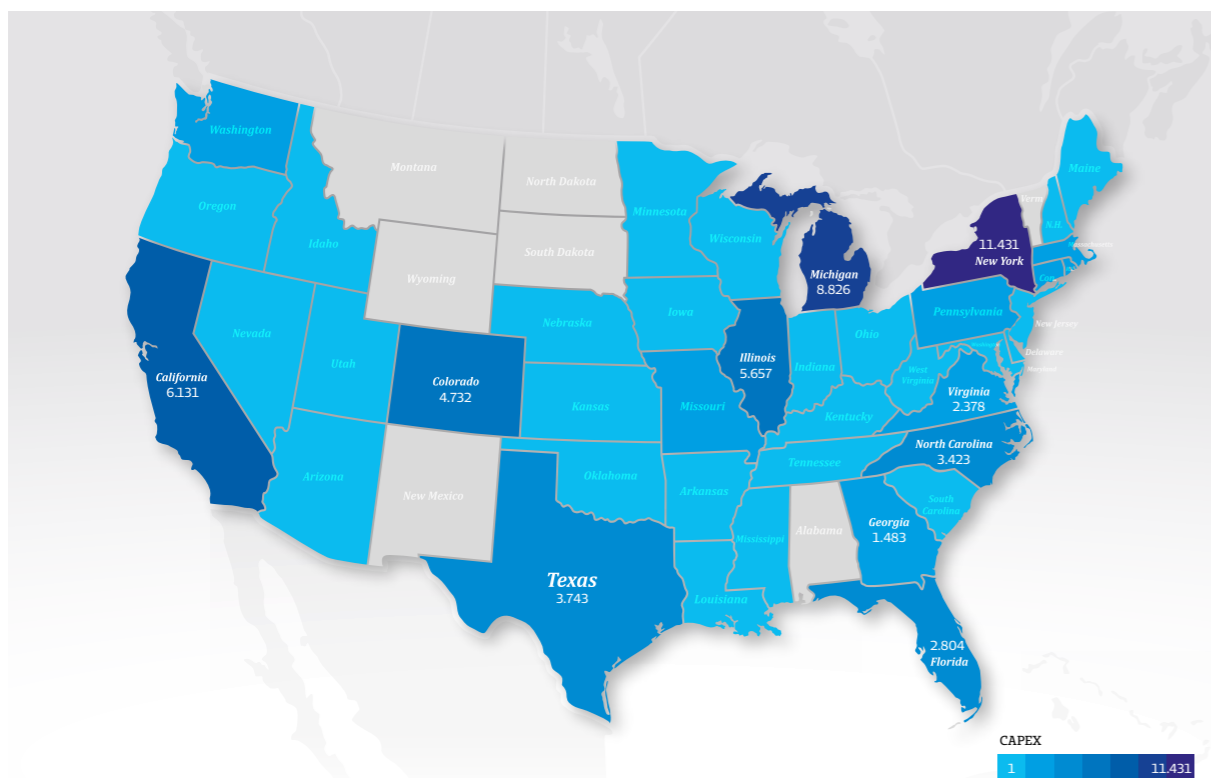
O líder no critério de maior número de projetos foi o setor de “Softwares e Serviços de TI”, com um total de 189 projetos *greenfield* anunciados entre 2008-2017 e US\$ 1,2 bilhão em investimentos. Além disso, pelo critério de número de empresas, nesse mesmo período, esse setor é o que mais teve empresas americanas anunciando investimentos no Brasil (139 empresas), as quais estima-se terem criado 13.268 novas vagas de trabalho no Brasil. A categoria “Outros é uma agregação feita de 25 setores que tiveram anúncios de investimento *greenfield* e que não foram listados na Tabela 3, visto que, individualmente, eles eram pouco expressivos em termos de valor, em comparação aos demais.<sup>19</sup>

O Mapa 1 apresenta os estados norte-americanos responsáveis pelos anúncios de investimento *greenfield* destinados ao Brasil entre 2008-2017, por meio de um mapa de calor. As cores dos estados no mapa denotam o nível de gastos de capital do investimento *greenfield* anunciado originado desses estados. Além disso, o mapa destaca os dez estados norte-americanos que foram a fonte dos maiores anúncios de investimento *greenfield* durante esse período, que juntos correspondem a

<sup>19</sup> Os 25 setores agregados como “Outros” são os seguintes: “Imobiliário”, “Bebidas”, “Papel, impressão e embalagem”, “Transporte”, “Serviços profissionais”, “Plásticos”, “Estocagem e armazenagem”, “Farmacêutico”, “Aeroespacial”, “Hotel e turismo”, “Produtos de consumo”, “Equipamentos médicos”, “Motores e turbinas”, “Cerâmica e vidro”, “Transporte não-automotivo”, “Componentes eletrônicos”, “Máquinas e equipamentos para escritório”, “Borracha”, “Biotecnologia”, “Equipamentos eletrônicos para uso pessoal”, “Têxteis”, “Serviços de saúde”, “Materiais de construção”, “Defesa e espaço” e “Lazer e entretenimento”.

mais de 80% do total.

Mapa 1 - Estados de origem dos anúncios de investimento *greenfield* dos EUA no Brasil (US\$ milhões)\*

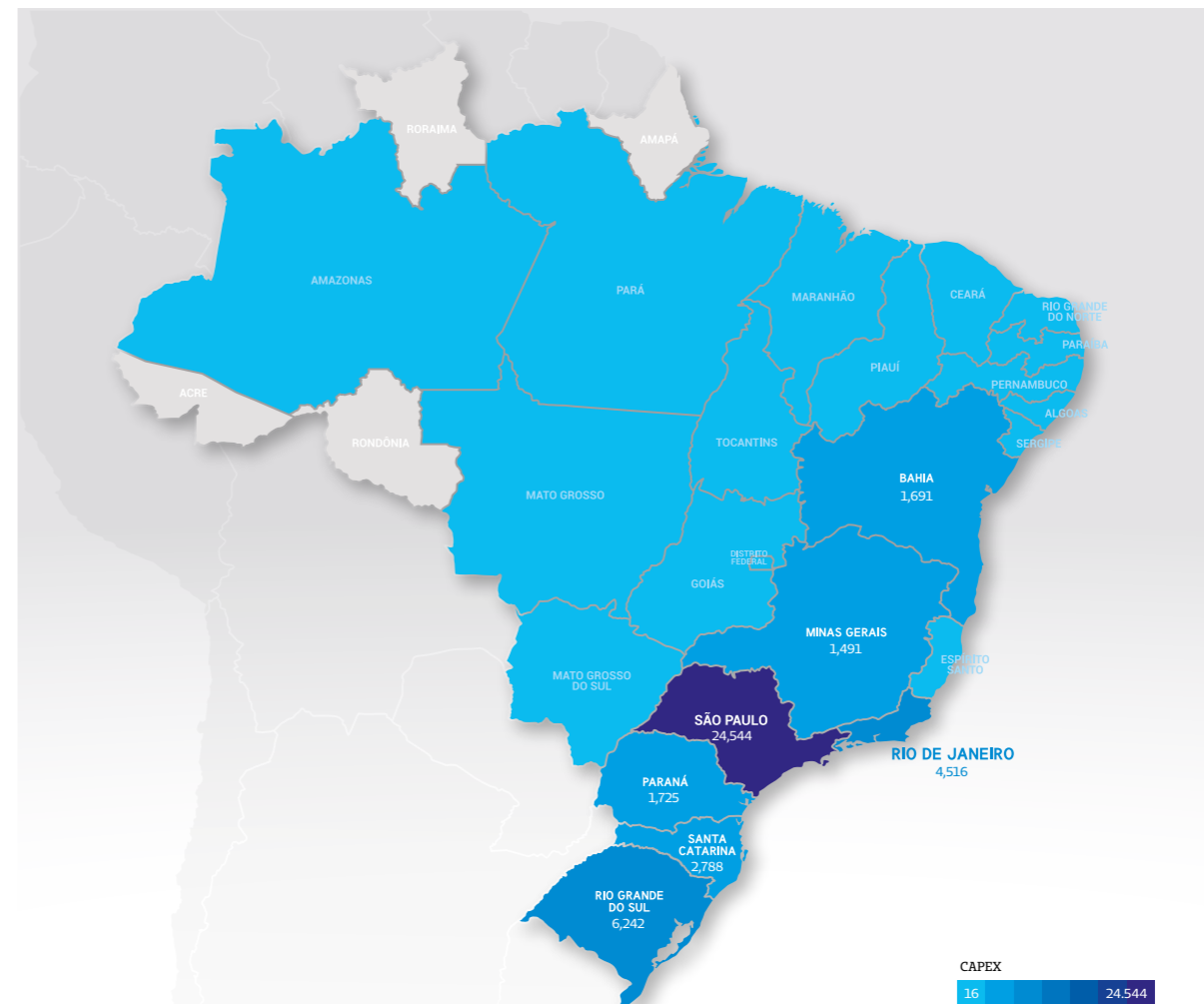


Fonte: fDi Markets (2018)  
\*Refere-se ao valor acumulado no período 2008-2017.

Nova Iorque, com US\$ 11,4 bilhões, foi a principal origem dos investimentos *greenfield* no Brasil, o que representa 18,2% do total entre 2008-2017. Os estados seguintes são: Michigan, Califórnia, Illinois e Colorado, com anúncios de US\$ 8,8 bilhões, US\$ 6,1 bilhões, US\$ 5,6 bilhões e US\$ 4,7 bilhões, respectivamente.

O Mapa 2 exibe os estados brasileiros que foram destino dos anúncios de investimento dos EUA entre 2008-2017. Os estados brasileiros contemplados com anúncios de investimento maiores que US\$ 1 bilhão foram identificados no Mapa 2 por cores que denotam o nível estimado dos investimentos. Em conjunto, esses seis estados representam mais de 68% do total de anúncios de investimento do período. No total, as multinacionais norte-americanas investiram em 22 estados do Brasil mais o Distrito Federal, não contemplando apenas os estados do Acre, Amapá, Rondônia e Roraima.

Mapa 2 - Estados de destino no Brasil dos anúncios de investimento *greenfield* dos EUA (US\$ milhões)\*

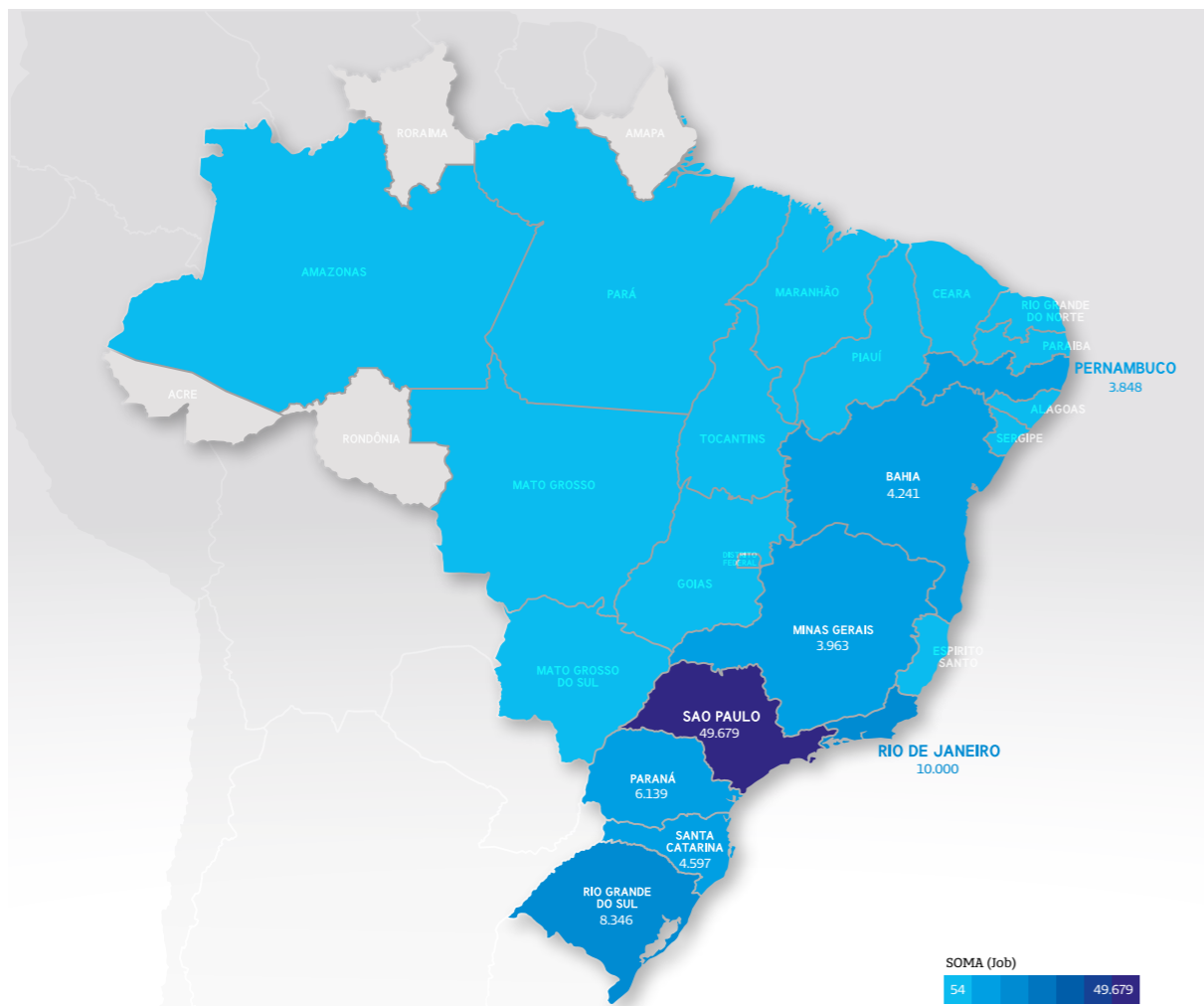


Fonte: fDi Markets (2018)  
\*Refere-se ao valor acumulado no período 2008-2017.  
Nota: Nem todos os investimentos anunciados mencionam o Estado de destino no Brasil. Por isso, o mapa de calor apresentado considera apenas aqueles projetos que especificaram o destino, de modo que, não foi possível mapear, em nível estadual, 22,7% do valor total de anúncios de investimento *greenfield* dos Estados Unidos no Brasil ocorridos entre 2008-2017.

O setor "Automotivo (Montadoras)" concentrou investimentos nos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo. Além disso, os anúncios de investimentos *greenfield* dos EUA no setor "Carvão, petróleo e gás" convergiram para o Rio Grande do Sul. Por outro lado, os investimentos no setor de "Metais" foram localizados principalmente nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia. Os investimentos anunciados pelos Estados Unidos em "Serviços Financeiros" cobriam principalmente os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Finalmente, a maioria dos projetos de investimento dos EUA no Brasil em "Energia alternativa / renovável" estava nos estados de São Paulo e Santa Catarina.

O Mapa 3 ilustra o número estimado de empregos gerados por anúncios de investimento *greenfield*. Mais uma vez, São Paulo foi o maior beneficiado, com uma estimativa total de 49.679 novos empregos entre 2008-2017. Durante o mesmo período, São Paulo foi seguida pelos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná, em que os investimentos dos EUA tinham a expectativa de gerar 10.000, 8.346 e 6.139 novos empregos, respectivamente.

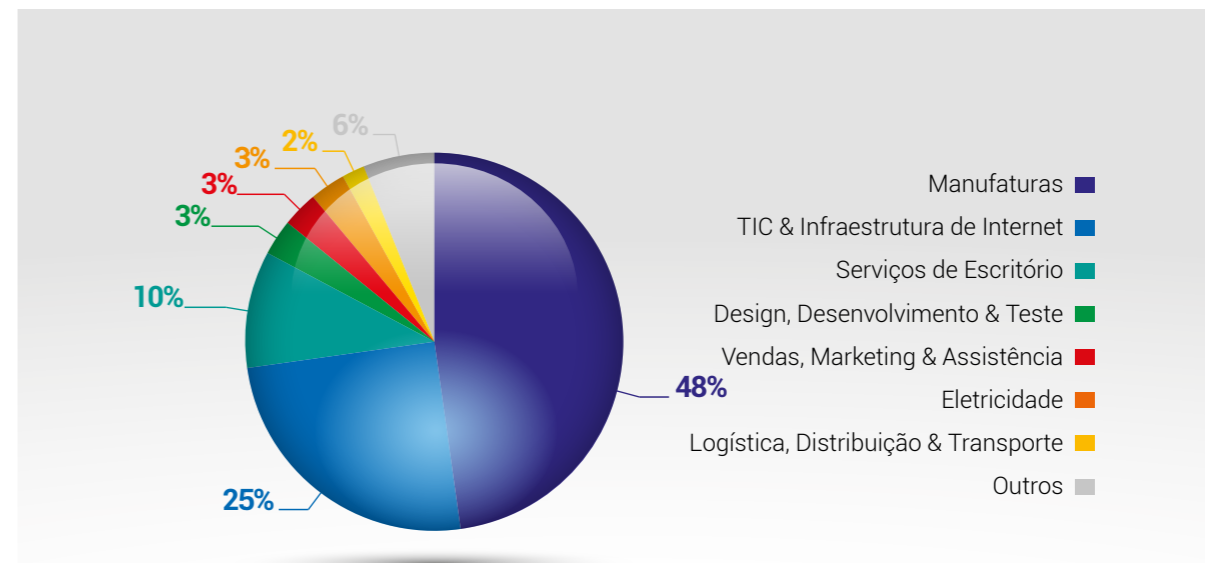
Mapa 3 - Estados de destino no Brasil dos anúncios de investimento *greenfield* dos EUA (Nº Empregos)\*



Fonte: fDi Markets (2018)  
 \*Refere-se ao valor acumulado no período 2008-2017.  
 Nota: Nem todos os investimentos anunciados mencionam o Estado de destino no Brasil. Por isso, o mapa de calor apresentado considera apenas aqueles projetos que especificaram o destino, de modo que, não foi possível mapear, em nível estadual, 19,5% do número total de empregos criados entre 2008-2017.

Uma revisão dos dados de anúncios *greenfield* revela que a maior parte do investimento dos EUA no Brasil, durante o período de 2008 a 2017, envolve o estabelecimento ou a expansão da produção industrial. Conforme ilustrado na Figura 13, “Manufaturas” é a atividade econômica que atraiu a maior quantidade de investimentos *greenfield* anunciados dos EUA no Brasil durante esse período, com 48% do total. Muito embora com participações muito menores do que as observadas em “Manufaturas”, “TIC & infraestrutura de internet” e “Serviços de escritório” também são relativamente relevantes, com 25% e 10% do total de anúncios de investimento *greenfield* dos EUA, respectivamente. Também houve anúncios nas atividades de “Design, desenvolvimento & teste”, “Vendas, marketing & assistência”, “Eletricidade” e “Logística, distribuição & transporte”.

Figura 13 - Investimentos *greenfield* anunciado pelos EUA no Brasil por atividades (% Total)\*



Fonte: fDi Markets (2018)  
 \*Refere-se ao valor acumulado no período 2008-2017.

No período 2008-2017, 573 empresas americanas anunciaram projetos de investimento *greenfield* no Brasil, conforme pode ser observado na Tabela 4. A General Motors (GM)<sup>20</sup> se destaca nesse período a multinacional americana do setor automotivo acumulou 21 anúncios de projetos de investimento no Brasil, os quais totalizaram US\$ 6,5 bilhões e tinham a expectativa de gerar 15.828 empregos no Brasil. Nesse setor, a Ford também apareceu entre as 10 empresas como maior investimento no Brasil, com um percentual de 2,5% do total de anúncios de investimento *greenfield* dos Estados Unidos no país e com estimativa de empregar 4.876 brasileiros.

Outro destaque que representa a moda da Tabela 4, entre 2008-2017, foi o setor de “Comunicações”, por meio dos anúncios de investimento *greenfield* da Level 3 Communications, NII Holdings, Verizon Communications e Equinix. Essas 4 empresas totalizaram um investimento de US\$ 6,08 bilhões, o equivalente a 9,7% do capex total do período.

O segundo e o terceiro maiores anúncios norte-americanos de investimento *greenfield* no Brasil, pelo Capex, foram feitos pela TransGas e pela Nucor, respectivamente. A TransGas atua no setor “Carvão, petróleo e gás” e anunciou dois projetos de investimento correspondentes a US\$ 3,8 bilhões e 501 novos empregos. A Nucor fez dois investimentos *greenfield* anunciados que totalizaram US\$ 3 bilhões. Essa empresa do setor “Metais” deve gerar 3.007 empregos no Brasil, seis vezes mais que o número de TransGas. A nona nesse ranking de investimentos *greenfield*, durante 2008-2017, é a IBM, que investiu US\$ 1,03 bilhão em 17 anúncios de projetos *greenfield* no Brasil, com estimativa de 2.007 novas vagas no país.

<sup>20</sup>No mesmo período, a General Electric (GE) também anunciou 21 projetos *greenfield* no Brasil, os quais totalizaram um investimento de US\$ 629,5 milhões. Como apenas os 10 maiores anúncios, em termos de valor, foram detalhados na Tabela 4, a GE acabou sendo incluída em Outras.

Tabela 4 - As 10 Empresas americanas com os maiores anúncios de investimento *greenfield* no Brasil\*

Empresas	Setor	Projetos	Capex (US\$ Milhões)	Participação (%)	Empregos Criados
General Motors (GM)	Automotivo	21	6.514	10,4%	15.828
TransGas Development Systems	Carvão, petróleo e gás	2	3.800	6,0%	501
Nucor	Metais	2	3.003	4,8%	3.007
Level 3 Communications	Comunicações	7	2.296	3,6%	491
Archer Daniels Midland	Multissetor	7	1.978	3,1%	772
Ford	Automotivo	6	1.542	2,5%	4.876
NII Holdings	Comunicações	4	1.397	2,2%	2.267
Verizon Communications	Comunicações	3	1.373	2,2%	267
IBM	Multissetor	17	1.033	1,6%	2.077
Equinix	Comunicações	7	1.023	1,6%	253
Outras (563)	-	818	38.942	61,9%	91.388
<b>Total</b>		<b>894</b>	<b>62.901</b>	<b>100%</b>	<b>121.727</b>

Fonte: fDi Markets (2018)

\*Refere-se ao valor acumulado no período 2008-2017.

No ranking das 1.000 maiores empresas que operam no Brasil (em termos de receita líquida), 46 têm participação de capital norte-americano, como mostra a Tabela 5. Em conjunto, as multinacionais americanas faturaram de US\$ 68,1 bilhões no Brasil em 2017. As duas melhores colocadas nesse ranking atuam no setor de “Alimentos e Bebidas”, a saber: Cargill e BRF nas 15ª e 16ª colocações, respectivamente. Além disso, a receita líquida obtida por ambas foi muito próxima, com a Cargill atingindo US\$ 10,7 bilhões e, a BRF, somando US\$ 10,4 bilhões.

Tabela 5 - Empresas com capital americano entre os 1000 maiores faturamentos no Brasil em 2017

Ranking 2017	Empresa	estado	Setor	Capital do Origem	Receita Líq. (US\$ Milhões)	Lucro Líq. (US\$ Milhões)	EBITDA (US\$ Milhões)
15º	Cargill *	SP	Alimentos e Bebidas	US	10.731	169	-52
16º	BRF *	SP	Alimentos e Bebidas	BR/US	10.490	-344	825
21º	Walmart <sup>2</sup>	SP	Comércio Varejista	US	7.883	-	-
22º	Oi 4 *	RJ	TI & Telecom	BR/US	7.456	-2.086	861
69º	Whirlpool *	SP	Eletroeletrônica	US	2.972	134	186
80º	Lojas Renner *	RS	Comércio Varejista	US/GB	2.333	230	444
86º	Mosaic <sup>2</sup> *	SP	Química e Petroquímica	US	2.200	-	-
105º	Pfizer <sup>2</sup>	SP	Farmacêutica e Cosméticos	US	1.581	-	-
120º	Pepsico <sup>2</sup>	SP	Alimentos e Bebidas	US	1.428	-	-
136º	Avon Brasil <sup>2</sup>	SP	Farmacêutica e Cosméticos	US	1.265	-	-
	Outras (36)			US	19.764	-	-
<b>Total</b>							<b>68.103</b>

Fonte: Valor 1000 (2018)

Notas: \* Dados extraídos do balanço consolidado ou combinado. 2 Valores estimados pelo Valor 1000. 4 Empresa em recuperação judicial ou extrajudicial. - Dado não fornecido ou que não se aplica à empresa. A Taxa de Câmbio direta (R\$/US\$) média de 2017, utilizada nos cálculos, foi de 3,1906.

As empresas americanas Walmart e Oi ocuparam o 21º e o 22º lugares, com uma receita líquida, em 2017, de US\$ 7,8 bilhões e US\$ 7,4 bilhões, respectivamente. A Walmart atua no “Comércio varejista” e a Oi em “TI & Telecom”. Os setores “Eletroeletrônica”, “Química e Petroquímica” e “Farmacêutica

e Cosméticos” também aparecem na Tabela 5. Desse modo, desconsiderando a Oi<sup>21</sup> e a BRF<sup>22</sup>, as demais empresas têm apresentado lucros líquidos positivos, o que destaca o Brasil como um mercado altamente capaz de gerar excelentes retornos ao investimento estrangeiro direto.

No entanto, vale lembrar que, de acordo com a UNCTAD (2018), questões políticas e econômicas podem afetar a dinâmica dos fluxos e estoques de investimento mundiais nos próximos anos, uma vez que, recentemente, disputas comerciais cresceram mundialmente e que os Estados Unidos aprovaram uma reforma tributária corporativa que visava aumentar o investimento doméstico e estimular o crescimento econômico do país. A UNCTAD (2018) alerta, ainda, que os atuais padrões globais de investimento podem ser afetados pelo aumento da concorrência fiscal entre os países.

No que tange às questões comerciais, elas condicionam as decisões de investimento das empresas porque o investidor é extremamente suscetível à instabilidade econômica, nesse caso, a gerada pela guerra comercial. Além disso, o aumento do protecionismo pode afetar as cadeias globais de valor em diversos setores, dado que o aumento tributário gera incentivos para realocar as atividades produtivas existentes. Ademais, a rentabilidade de algumas empresas multinacionais pode ser afetada, o que também reduziria a propensão dos agentes econômicos a investirem.

Em relação aos Estados Unidos<sup>23</sup>, em dezembro de 2017 um projeto de reforma tributária nacional foi aprovado e esse tem o potencial de impactar profundamente as posições e os fluxos de investimentos americanos no exterior<sup>24</sup>. A reforma tributária estabeleceu mudanças no regime tributário corporativo e medidas que incentivam as multinacionais americanas a repatriarem seus fundos distribuídos no exterior. Tais repatriações resultariam em uma queda no estoque de investimento direto dos Estados Unidos no exterior, com um efeito de espelho sobre os estoques em outras nações.

Especificamente, as medidas aprovadas nos Estados Unidos incluíam: i) a redução da alíquota do imposto de pessoa jurídica de 35% para 21%, ii) a limitação de juros dedutíveis para 30% do lucro tributável, iii) a mudança de um sistema de tributação mundial para um sistema tributário territorial, passando a tributar somente a receita auferida em território estadunidense<sup>25</sup>, iv) uma medida transitória, na forma de um imposto único, muito favorável para repatriar os lucros acumulados no exterior, a saber: 15,5% para os lucros convertidos em espécie (*liquid assets*) e 8% para os lucros reinvestidos nos negócios da empresa

<sup>21</sup> A Oi entrou em processo de recuperação judicial em 2016. Recentemente, ela foi adquirida por fundos americanos.

<sup>22</sup> Possivelmente, o desempenho da BRF tenha sido afetado fortemente pela operação deflagrada pela Polícia Federal, no ano de 2017, que ficou conhecida como “Carne Fraca”. Nessa ocasião, algumas empresas, inclusive a BRF, foram acusadas de adulterar a carne que vendiam nos mercados interno e externo.

<sup>23</sup> Além de fazer parte do objetivo desse estudo, o foco nos Estados Unidos deve-se a relevância desse país no IED mundial, visto que metade do estoque global de IED está localizado em seu território ou pertence às suas multinacionais.

<sup>24</sup> De acordo com a UNCTAD (2018), um menor imposto sobre a repatriação de lucros tem sido aguardado pelas empresas multinacionais americanas desde o Homeland Investment Act (HIA) de 2005. Na época, o HIA repatriou dois terços do total de recursos americanos distribuídos no mundo todo, cerca de US\$ 300 bilhões de lucros retidos, graças aos cortes de impostos sobre a repatriação de capital. Atualmente, estima-se que os ganhos das multinacionais estadunidenses retidos no exterior são muito maiores, atingindo US\$ 3,2 trilhões. Dessa forma, um possível repatriamento desses recursos poderia causar significativos fluxos de entrada e, conseqüentemente, causar uma queda expressiva na posição do IED dos Estados Unidos no mundo, dos atuais US\$ 6,4 trilhões de lucros acumulados para, possivelmente, US\$ 4,5 trilhões.

<sup>25</sup> Com essa medida, os Estados Unidos se uniram a maioria dos países da OCDE que já tributavam apenas as receitas de suas multinacionais geradas domesticamente.



(*illiquid assets*), v) um conjunto de medidas para combater a evasão fiscal, entre outras. (UNCTAD, 2018)

Resumidamente, o impacto do pacote de reforma tributária aprovado pode eliminar a necessidade das empresas americanas a manterem seus lucros no exterior, provocando uma redução dos lucros reinvestidos pelas filiais americanas no mundo todo. Ademais, o maior grau de liberdade no uso de dinheiro no exterior poderia levar a um aumento adicional de fusões e aquisições (embora talvez mais fusões e aquisições domésticas do que fusões e aquisições transnacionais), mas as restrições à dedutibilidade de juros poderiam atenuar esse efeito. Por fim, o estímulo ao investimento nos Estados Unidos pode levar a uma maior entrada de IED nos Estados Unidos e, possivelmente, a reorientar a atividade manufatureira global, o que tem impactos para o Brasil.<sup>26</sup>

### 1.3. Estudo de Cases de empresas norte-americanas no Brasil

Para demonstrar as práticas de negócios envolvendo empresas brasileiras e americanas, no que tange à investimentos estrangeiros diretos bilaterais, esse estudo destaca a presença de empresas norte-americanas no Brasil para ilustrar casos de sucesso desses investimentos.

#### HYPERLOOP



**Setor:** Transportes

**Ano de fundação:** 2013

**Breve histórico:** A empresa Hyperloop Transportation Technologies foi criada com o objetivo de atender o desafio lançado pelo empreendedor e bilionário Elon Musk, fundador e CEO da Tesla, SpaceX e Solar City. O desafio, chamado Hyperloop, lançado em 2013 em um *"white paper"*, propusera que empreendedores assumissem o projeto para o desenvolvimento de um novo modal de transporte que consiste em transportar pessoas e cargas em cápsulas, por meio de tubos quase a vácuo e que utilizariam levitação passiva, podendo atingir até 1.223 Km/h. Um dos principais diferenciais da tecnologia é o fato do sistema ser capaz de produzir mais energia que consome, possibilitando ele ser lucrativo, diferente das ferrovias atuais em que o custo com energia e manutenção são quase impeditivos. A Hyperloop foi criada há poucos anos e já possui mais de 27 patentes, 7 contratos com governos e 800 colaboradores. Seu modelo inovador de colaboração será, inclusive, ensinado na Universidade de Harvard. Em maio de 2017, a empresa concluiu o primeiro estudo de viabilidade desse modo de transporte e tem planos de expandir centros de P&D em seus mercados prioritários, com vistas a customizar as tecnologias desenvolvidas. Em maio de 2018, anunciou que um desses centros será no Brasil.

**Ano da internacionalização e localização do empreendimento no exterior:** A empresa anunciou, em abril de 2018, a instalação de um Centro Global de P&D na cidade de Contagem no estado de Minas Gerais, Brasil.

**Fatores para a escolha de internacionalizar naquele mercado (decision tracking):** Em entrevista à revista Época, o Sr. Bibop Gresta, presidente da empresa, declarou que o Brasil tem muitas oportunidades para o desenvolvimento de tecnologias ligadas à logística. Particularmente pela falta de infraestrutura e pela necessidade de criar um sistema de transporte mais rápido, barato e eficiente. Ele também alertou sobre a preocupação dos governos com sustentabilidade. Além disso, relata ter descoberto que há um ecossistema de inovação de alto nível no país e que há limitada competição com outras companhias por talentos.

**Dados Financeiros:** Não fornecidos.

#### SEABORN NETWORKS



**Setor:** Telecomunicações

**Ano de abertura:** 2012

**Breve histórico:** A Seaborn foi constituída em 2012. A empresa desenvolve, possui e opera sistemas submarinos de cabos de fibra ótica. Recentemente, a empresa projetou, financiou, construiu e atualmente opera em Seabras-1, a primeira rede direta entre o Brasil e os Estados Unidos. Novas rotas estão sendo desenvolvidas para a Argentina, África do Sul, Caribe e entre outros.

**Ano da internacionalização e localização do empreendimento no exterior:** Em 2012, a empresa se expandiu para o Brasil e Reino Unido.

**Fatores para optar pela internacionalização no Brasil (decision tracking):** A rota entre Brasil e EUA é a principal rota de comunicação global entre a América do Sul e o resto do mundo. Novos sistemas são necessários tendo em vista a era dos sistemas mais antigos construídos em 2000, bem como a necessidade de um operador-proprietário-operador independente para i) abrir o caminho para o mercado mundial e ii) oferecer um serviço de melhor qualidade do que anteriormente estava disponível.

**Dados Financeiros:** Construção de um sistema *greenfield* de comunicação com mais de 10.600 km de extensão entre os EUA e o Brasil, bem como estação submarina e investimento em fibra terrestre no Brasil. O custo total do projeto supera os US\$ 500 milhões e a empresa emprega 45 funcionários.

#### CARGILL



**Setor:** Alimentação e Agricultura

**Ano de abertura:** 1865

**Breve histórico:** A Cargill oferece serviços e produtos alimentícios, agrícolas, financeiros e industriais ao mundo. A multinacional norte-americana possui 155.000 funcionários em 70 países.

**Ano da internacionalização e localização do empreendimento no exterior:** A sede da Cargill no Brasil é na cidade de São Paulo e ela possui uma presença extensiva em 17 estados e no Distrito Federal, que inclui fábricas, armazéns, terminais portuários e escritórios em 160 municípios. Atua no Brasil há mais de 50 anos.

**Negócios da Cargill no Brasil**

- » **AGRICULTURA** - A Cargill compra, processa e comercializa soja e outras commodities globalmente. Também negocia açúcar e algodão no mercado global.
- » **ALIMENTOS** - A Cargill oferta uma ampla gama de ingredientes para a indústria de alimentos e bebidas, fornecendo inovação para os mercados de varejo e food service. A empresa tem sua própria marca de produtos para consumidores.
- » **NUTRIÇÃO ANIMAL** - Desenvolve ingredientes para nutrição animal sob as marcas Nutron e Integral.
- » **INDUSTRIAL** - Desenvolve e comercializa produtos sustentáveis à base de matérias-primas agrícolas. Fornece óleos vegetais para a fabricação de lubrificantes, medicamentos, cosméticos, revestimentos e produtos químicos. Possui uma gama de amidos que atende as indústrias de papel, químicos, têxteis, mineração, farmacêutica, entre outras.

**Fatores para optar pela internacionalização no Brasil (decision tracking):** O Brasil tem vocação natural para a agricultura, com terra e clima favoráveis, além de pessoas e tecnologia capazes de eficiência. Não é possível pensar em alimentar a população mundial sem considerar a produção brasileira. Portanto, o Brasil é um país muito importante como parte da estratégia global da Cargill.

**Dados Financeiros:** A receita líquida da Cargill no Brasil foi de R\$ 35 bilhões em 2017, com um lucro R\$ 790 milhões. A empresa possui 10.000 funcionários no Brasil. Em 2017, a empresa registrou aquisições significativas, além de grandes modernizações de suas fábricas, investindo R\$ 790 milhões no Brasil e R\$ 4,6 bilhões nos últimos sete anos. A empresa espera investir entre R\$ 300 e R\$ 400 milhões em 2018.

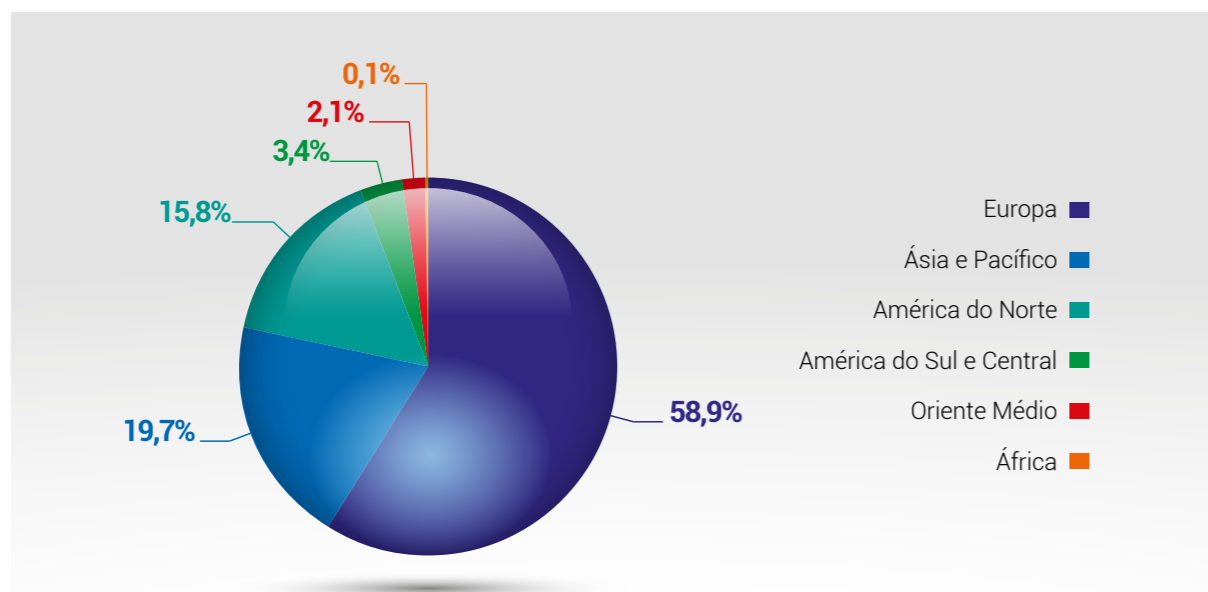
<sup>26</sup> Brasil e EUA não possuem um Acordo Bilateral de Investimentos tampouco acordos que evitem a bitributação.

## 2. INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO DO BRASIL NOS ESTADOS UNIDOS

### 2.1. Investimento Estrangeiro Direto do Brasil

Os dados do *Bureau Economic Analysis* indicam que, em 2017, o estoque mundial de Investimento Estrangeiro Direto nos Estados Unidos atingiu mais de US\$ 4 trilhões, uma quantia que quase dobrou durante a última década. Conforme demonstra a Figura 14, a Europa é a região que possui o maior estoque de IED no território norte-americano, com 58,9% do total, seguido da Ásia & Pacífico e da América do Norte, com, respectivamente 19,7% e 15,8% do total. A representatividade dos territórios da América do Sul e Central, do Oriente Médio e da África é muito baixa. Em conjunto, essas três regiões não detêm nem 6% do estoque global de IED presente nos EUA. Individualmente o Brasil é o principal país investidor dessas três regiões, representando 31% do estoque total da América do Sul e Central nos Estados Unidos.

Figura 14 - Estoque mundial de investimento direto nos Estados Unidos em 2017, por Região (%)



Fonte: BEA (2018)

A Tabela 6 apresenta o estoque mundial de IED nos Estados Unidos dos vinte principais países investidores no ano de 2017. Essas nações, em conjunto, detinham 91,7% do total de IED existente nos EUA em 2017, sendo que, no ano de 2008, elas possuíam 92% do total. No entanto, enquanto a taxa média anual de crescimento do IED mundial sofreu uma desaceleração nos últimos anos, o estoque global de IED nos Estados Unidos mostrou a tendência oposta, com um crescimento médio de 6% entre 2008-2012 e 10,2% entre 2013- 2017.

Deve-se notar que entre os países listados na Tabela 6, há aqueles que são conhecidos por serem centros financeiros *offshore*, tais como Suíça e Bermudas, os quais ocupam a 7ª e a 18ª posição no

ranking principais investidores de 2017, respectivamente. O Reino Unido possui o maior estoque de IED nos Estados Unidos, com US\$ 614,8 bilhões, o equivalente a 15,3% do total em 2017 e abaixo dos 24,3% de 2008.

Tabela 6 - Principais origens do estoque de investimento estrangeiro direto nos EUA (2008-2017)

Rank	Países	Posição (US\$ Milhões)		Participação		Variação		Crescimento Médio Anual		
		2008	2017	2008	2017	2008-2017	2008-2012	2013-2017		
1º	Reino Unido	496.494	614.865	24,3%	15,3%	23,8%	↓	4,0%	↓	1,3%
2º	Canadá	194.346	523.761	9,5%	13,0%	169,5%	↑	6,1%	↓	18,4%
3º	Japão	237.769	476.878	11,6%	11,8%	100,6%	↑	6,2%	↓	7,8%
4º	Alemanha	207.494	405.552	10,1%	10,1%	95,5%	↑	7,1%	↓	9,2%
5º	Irlanda	51.057	328.671	2,5%	8,2%	543,7%	↑	15,2%	↑	38,8%
6º	França	166.920	301.540	8,2%	7,5%	80,6%	↑	7,9%	↓	8,9%
7º	Suíça	72.828	201.867	3,6%	5,0%	177,2%	↑	13,4%	↑	9,5%
8º	Holanda	97.910	169.155	4,8%	4,2%	72,8%	↓	3,7%	↓	7,6%
9º	Cingapura	26.207	88.596	1,3%	2,2%	238,1%	↓	-9,7%	↓	46,4%
10º	Bélgica	31.822	80.352	1,6%	2,0%	152,5%	↓	-0,7%	↓	24,1%
11º	Espanha	34.171	73.244	1,7%	1,8%	114,3%	↑	11,5%	↑	7,0%
12º	Austrália	41.198	73.002	2,0%	1,8%	77,2%	↑	8,5%	↓	7,7%
13º	China	1.229	58.048	0,1%	1,4%	4623,2%	↑	83,9%	↑	44,5%
14º	Suécia	23.279	54.150	1,1%	1,3%	132,6%	↑	14,2%	↑	4,8%
15º	Coreia do Sul	13.945	50.633	0,7%	1,3%	263,1%	↑	15,9%	↑	13,1%
16º	Brasil	9.385	42.841	0,5%	1,1%	356,5%	↑	13,2%	↑	14,0%
17º	Israel	17.213	39.307	0,8%	1,0%	128,4%	↑	6,7%	↓	13,3%
18º	Bermudas	100.942	35.920	4,9%	0,9%	-64,4%	↓	-34,7%	↓	11,3%
19º	Itália	29.251	35.672	1,4%	0,9%	22,0%	↓	4,2%	↓	3,2%
20º	México	29.331	35.408	1,4%	0,9%	20,7%	↓	-1,3%	↓	2,7%
<b>Total (20 Países)</b>		<b>1.882.791</b>	<b>3.689.462</b>	<b>92,0%</b>	<b>91,7%</b>	<b>96,0%</b>		<b>5,2%</b>		<b>10,8%</b>
<b>Total nos EUA</b>		<b>2.046.662</b>	<b>4.025.492</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>96,7%</b>		<b>6,0%</b>		<b>10,2%</b>

Fonte: BEA (2018)

Nota: Os dados apresentados são para o Ultimate Beneficial Owner (UBO). A classificação UBO atribui a propriedade do IED ao país do tomador de decisão de maior nível na cadeia de propriedade de uma empresa. Essa medida elimina distorções nos dados que podem surgir do IED para os Estados Unidos que passam por países intermediários. Não foi incluído, nesse ranking, os EUA.

De acordo com o BEA (2018), cinco países aumentaram significativamente o IED nos Estados Unidos, entre 2008-2017. Esses países incluem: China, Irlanda, Brasil, Coreia do Sul e Cingapura, com aumentos de 4.623,2%, 543,7%, 356,5%, 263,1% e 238,1%, respectivamente. Alternativamente, os cinco países que apresentaram as menores variações nesse mesmo período foram: Bermudas, México, Itália, Reino Unido e Holanda, com uma variação de -64,4%, 20,7%, 22%, 23,8% e 72,8%, respectivamente.

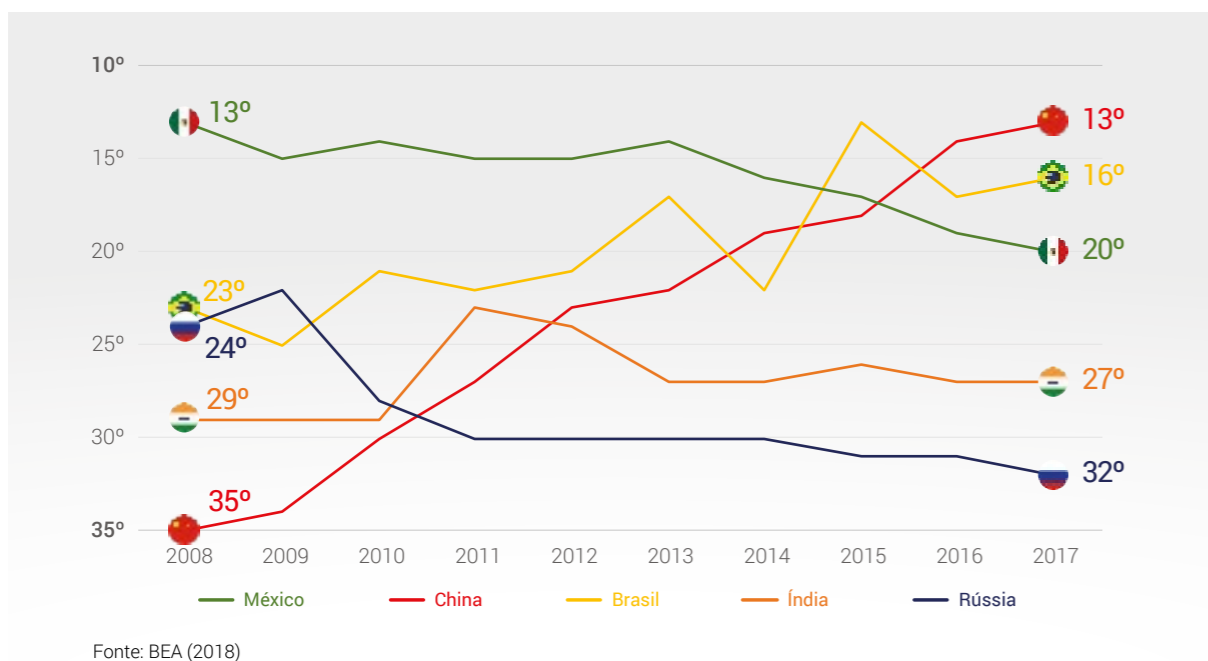
Os países que mais ganharam participação no estoque de IED nos Estados Unidos foram aqueles que apresentaram as maiores taxas de crescimento médio anual. Nesse sentido, os seis que tiveram taxas de crescimento médio anual duas vezes maiores que a observada no estoque global de IED nos

Estados Unidos, no período 2008-2012, foram: China, Coreia do Sul, Irlanda, Suécia, Suíça e Brasil. Essas nações promoveram um crescimento médio anual de seus estoques de 83,9%, 15,9%, 15,2%, 14,2%, 13,4% e 13,2%, respectivamente. Já no período 2013-2017, os seis países mais dinâmicos que se destacaram, com suas respectivas taxas médias de crescimento anual são Cingapura (46,4%), China (44,5%), Irlanda (38,8%), Bélgica (24,1%), Canadá (18,4%) e Brasil (14%).

Em virtude desses expressivos crescimentos, China e Brasil ganharam várias posições no ranking dos países com os maiores estoques de IED nos Estados Unidos, de acordo com a Figura 15. Observe que a China, que detinha um estoque de US\$ 1,2 bilhão em 2008, ocupava apenas a 35ª posição no ranking no período inicial analisado, porém em 2017 eles possuíam o 13º maior estoque de IED nos EUA com US\$ 58 bilhões, o que equivale 1,4% do estoque mundial de IED em território norte-americano.

Durante o período 2008 a 2017, o Brasil inicialmente ocupava a 23ª posição e, em 2017, passou a ser o 16º maior investidor direto nos EUA, muito embora os brasileiros tenham chegado a ocupar a 13ª posição em 2015. Porém, no ano seguinte, a China ultrapassou o Brasil e se manteve à frente desde então. Em termos de valor, o estoque de IED brasileiro em território americano aumentou de pouco mais de US\$ 9,3 bilhões em 2008, para mais de US\$ 42 bilhões. Em virtude disso, o Brasil aumentou sua participação relativa de 0,5%, para 1,1% do total de estoque de IED nos Estados Unidos em 2017.

Figura 15 - Evolução no ranking de principais origens do estoque de investimento estrangeiro nos EUA



Muito embora a Índia também tenha ganhado posições, durante 2008-2017, seu desempenho ficou abaixo ao observado na China e no Brasil, visto que os indianos ganharam apenas duas posições no período. Especificamente, no período inicial a Índia ocupava o 29º lugar e, no final, ela atingiu a 27ª posição. Em termos de valor, os indianos detinham, em 2008 e em 2017, respectivamente,

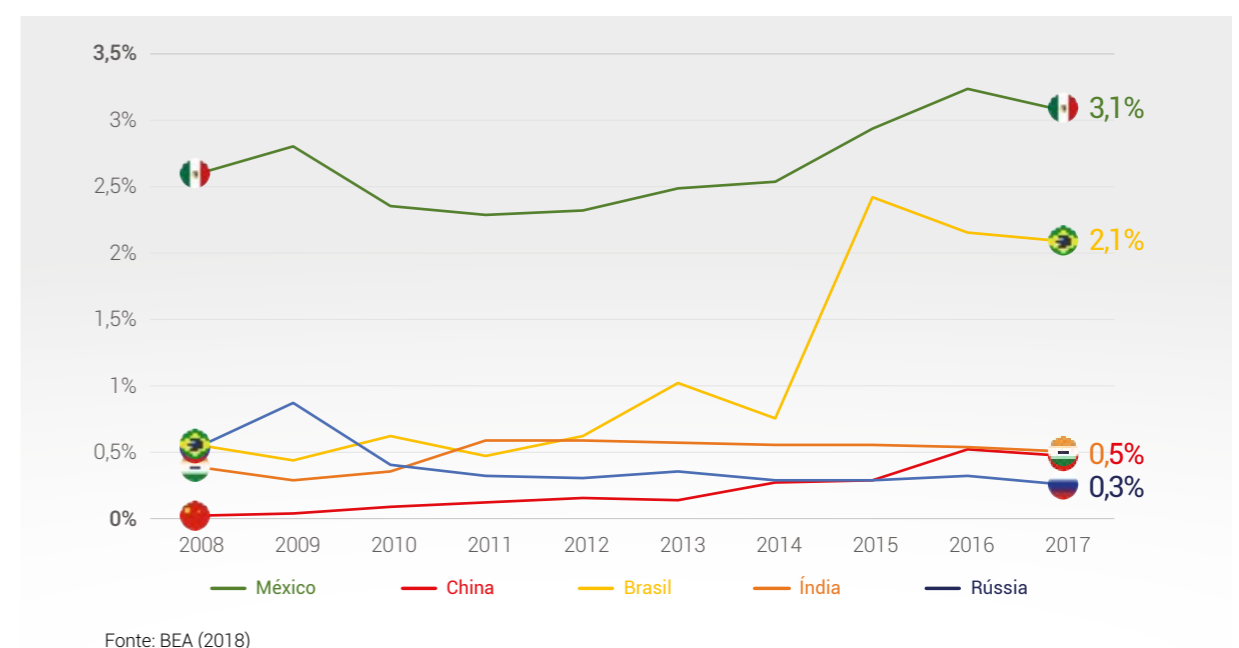
um estoque de US\$ 4,6 bilhões e US\$ 13,1 bilhões. No entanto, sua relevância sobre o investimento estrangeiro nos Estados Unidos é ainda baixa, dada que sua participação no estoque total de IED nos EUA foi sempre inferior a 0,5% no período.

Por outro lado, México e Rússia perderam posições entre 2008-2017, embora por razões distintas. Enquanto a Rússia ocupava a 24ª posição no ranking, em 2008, o México estava bem a frente, sendo o 13º principal país investidor nos Estados Unidos nesse mesmo ano. No entanto, em 2017, ambos perderam espaço, caindo para a 32ª e a 20ª posições no ranking, respectivamente. A queda de posição da Rússia ocorreu porque o estoque de IED russo alocado em território norte-americano caiu mais da metade entre 2008-2017, de US\$ 8,9 bilhões para US\$ 4,2 bilhões. Por outro lado, o baixo dinamismo no período, em comparação os demais países, explica a perda de posições mexicana. Especificamente, o México detinha um estoque de IED nos Estados Unidos de US\$ 29,3 bilhões em 2008 e US\$ 35,4 bilhões em 2017.

De um outro ponto de vista, a Figura 16 analisa o estoque de IED das economias emergentes selecionadas sobre os seus respectivos PIB's. Nessa perspectiva, o México passa ser o principal investidor emergente entre os analisados. Em 2017, os mexicanos detinham 3,1% do seu PIB em estoque de IED nos Estados Unidos. No entanto, isso era esperado, dado que esses países são parceiros naturais de comércio e com cadeias de suprimentos integradas.

Também é interessante examinar o IED brasileiro nos Estados Unidos como porcentagem do PIB. O Brasil registrou o maior crescimento do estoque de IED nos Estados Unidos como percentual de seu PIB entre o grupo de economias emergentes analisadas, aumentando de 0,6% inicialmente e alcançando 2,1% de seu PIB até 2017.

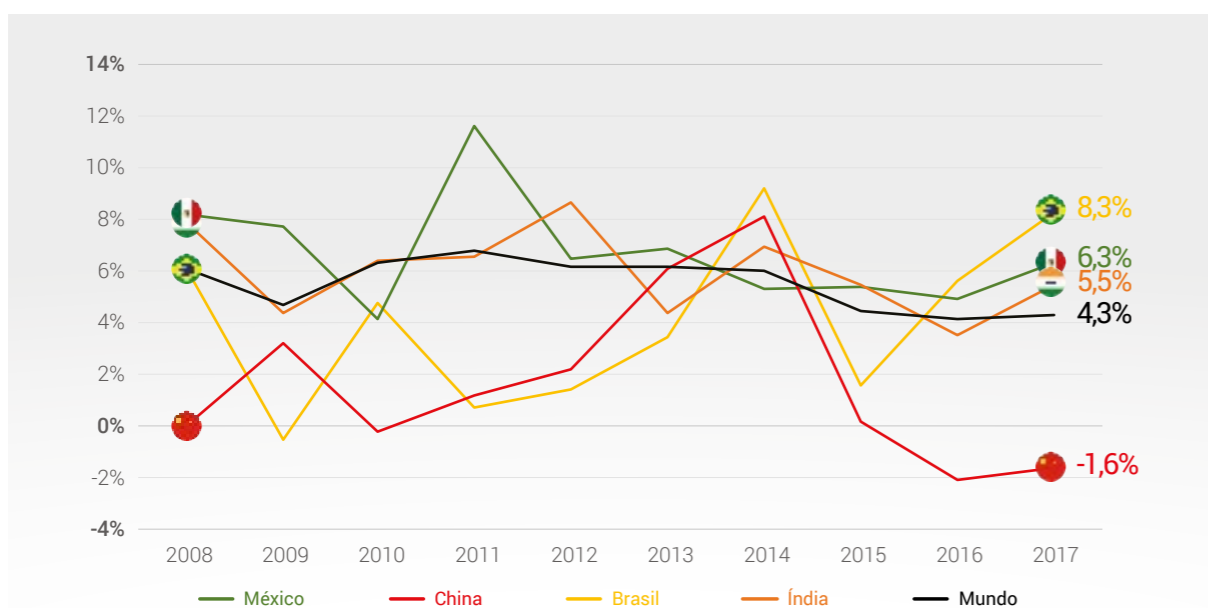
Figura 16 - Evolução do estoque de investimento direto de economias emergentes nos EUA (% PIB)



Apesar da China ter aumentado seu estoque de Investimento Direto nos Estados Unidos em 4.623,3% entre 2008-2017, na ponderação do estoque pelo seu PIB, seus investimentos em território norte-americano representavam apenas 0,5% do seu PIB em 2017. Vale observar que esse foi o mesmo percentual destinado pela Índia para ativos nos Estados Unidos. Entre esses cinco emergentes, apenas a Rússia reduziu o percentual de seu PIB alocado nos Estados Unidos no período, fechando a série histórica com 0,3% do Total produzido por sua economia.

A evolução da Renda auferida pelo IED em território estadunidense, em % do estoque, foi retratada na Figura 17. Em 2017, o último período analisado, entre os países analisados, as multinacionais brasileiras foram as que mais auferiram lucros nos Estados Unidos, com uma rentabilidade de 8,3%. Na sequência aparecem as empresas mexicanas, indianas e chinesas, que tiveram taxas de retorno nos Estados Unidos, também em 2017, de 6,3%, 5,5% e -1,6%, respectivamente.

Figura 17 - Renda do IED das economias emergentes nos EUA (% do Estoque de IED)



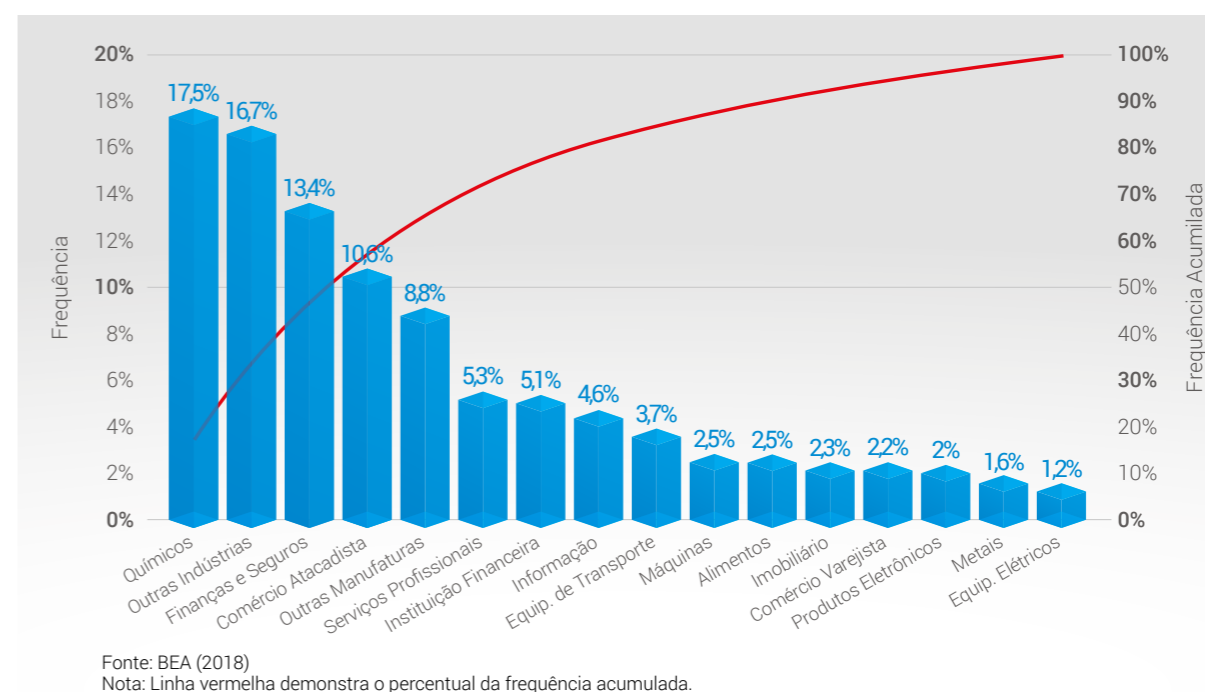
Fonte: BEA (2018)  
 Nota: Em nenhum ano da série de tempo havia dados disponíveis para a Rússia. Os dados da renda do IED chinês nos Estados Unidos, no ano de 2008, encontram-se sob restrição de confidencialidade.

Curiosamente, apesar do aumento expressivo do estoque de IED chinês em território americano nos últimos dez anos, as empresas chinesas foram as que registraram a menor rentabilidade. Além disso, as taxas de retorno dos investimentos chineses nos Estados Unidos foram negativas em três dos nove anos analisados.

### 2.1.1. Composição Setorial do IED Global e Brasileiro nos EUA

A Figura 18 descreve a composição setorial do estoque global de IED na economia dos EUA em 2017<sup>27</sup>. Nesse mesmo ano, chama atenção que quatro setores concentram mais de 50% do estoque de IED global nos EUA, a saber: “Químicos”, “Outras indústrias”, “Finanças e seguros” e “Comércio atacadista”, os quais tiveram uma participação individual no estoque de IED em território norte-americano de 17,5%, 16,7%, 13,4% e 10,6%, respectivamente. Os setores “Outras Manufaturas”, “Serviços Profissionais” e “Instituição Financeira” possuíam uma participação superior a 5% do estoque global de IED nesse mesmo ano.

Figura 18 - Estoque de IED global nos EUA por setores em 2017 (% estoque total de IED)



Fonte: BEA (2018)  
 Nota: Linha vermelha demonstra o percentual da frequência acumulada.

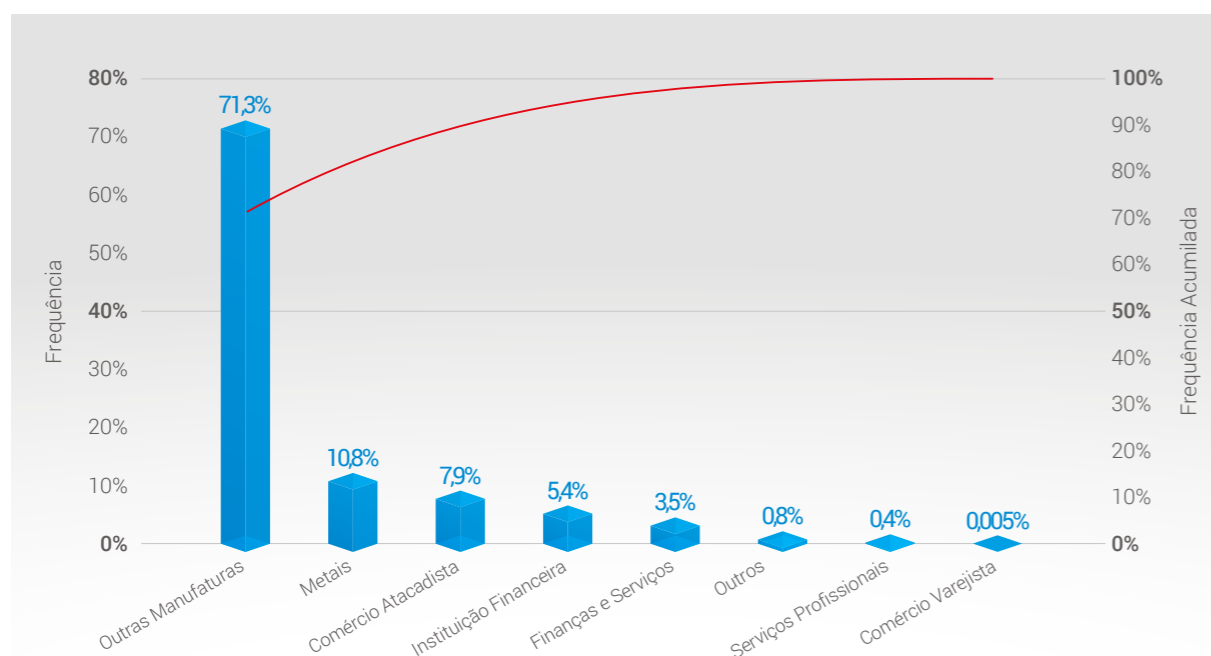
A Figura 19 mostra a alocação do estoque de IED brasileiro nos Estados Unidos por setores. Infelizmente, como algumas partes dos dados setoriais estão sujeitas a restrições de confidencialidade, uma análise mais ampla, como a realizada na Figura 18, não foi possível. De qualquer forma, existe uma alta concentração em “Outras manufaturas”, com um percentual de 71,3% do estoque de IED do Brasil nos Estados Unidos. Nesse caso, a definição de “Outras manufaturas” é diferente da utilizada na Figura 18. Essa categoria engloba os dados não divulgados dos seguintes setores manufatureiros: “Alimentos”, “Químicos”, “Equipamentos de transporte” e “Máquinas” e “Outras manufaturas”.

A comparação do padrão setorial das Figuras 18 e 19 traz à tona que o Brasil alocou um percentual maior de seu estoque em “Metais” e em “Instituição financeira” do que o IED global destinou nesse

<sup>27</sup> O BEA classifica as estatísticas do Estoque de IED Mundial nos EUA nos seguintes setores: “Alimentos”, “Químicos”, “Metais”, “Máquinas”, “Produtos Eletrônicos”, “Equip. elétricos”, “Equip. de Transporte”, “Outras manufaturas”, “Comércio atacadista”, “Comércio varejista”, “Informação”, “Instituição Financeira”, “Finanças e seguros”, “Imobiliário”, “Serviços profissionais” e “Outras indústrias”.

mesmo destino. Por outro lado, o percentual brasileiro foi menor que o global em “Comércio atacadista”, “Finanças e seguros”, “Serviços profissionais” e “Comércio varejista”.

Figura 19 - Estoque de IED do Brasil nos EUA por setores em 2017 (% estoque total de IED)



Fonte: BEA (2018)  
 Nota: Linha vermelha demonstra o percentual da frequência acumulada.  
 \*Outros\* refere-se a dados não divulgados dos setores de "Informação", "Holdings" e "Outras indústrias".

### 2.1.2. Dados das Empresas Multinacionais Estrangeiras nos Estados Unidos

A Tabela 7 apresenta alguns indicadores de desempenho de empresas multinacionais estrangeiras que operam no mercado dos EUA. Em particular, o conjunto de dados foi explorado pelo valor dos ativos, pelas vendas internas, pelo valor agregado ao produto bruto e pelo número de empregos gerados pelas empresas. As origens das empresas apresentadas são brasileira, chinesa, indiana, mexicana e russa. Além disso, os dados sobre todas as filiais estrangeiras nos Estados Unidos foram agregados na categoria Mundial.

No ano de 2015, as multinacionais estrangeiras detinham um total de US\$ 13,2 trilhões em ativos nos EUA e empregavam 6,8 milhões de pessoas. As vendas no mercado interno e o valor agregado ao produto atingiram, aproximadamente, US\$ 4 trilhões e US\$ 8,9 bilhões em 2015, respectivamente.

Em termos absolutos, o Brasil, comparado às demais economias, foi o que mais vendeu no

mercado interno e que mais gerou valor agregado nos Estados Unidos entre 2009 e 2015. Além disso, o Brasil é a segunda nação, entre as analisadas, que mais gerou empregos, ficando atrás apenas do México que empregava 5.700 pessoas a mais que o Brasil em 2015. Nesse mesmo ano, as empresas brasileiras possuíam US\$ 102,2 bilhões em ativos e empregavam 74.200 pessoas nos Estados Unidos. As vendas para o mercado interno e o valor adicionado ao produto norte-americano foram de US\$ 48,3 bilhões e de US\$ 7,9 bilhões, respectivamente.

Tabela 7 - Indicadores de desempenho das empresas multinacionais estrangeiras nos EUA (US\$ Milhões ou Número de empregos)

País	Variável	Valor		Varição	Crescimento Médio Anual
		2009	2015	2009-2015	2009-2015
Brasil	Ativos	49.587	102.167	106,0%	12,8%
	Vendas	23.826	48.285	102,7%	12,5%
	Valor Adicionado	2.870	7.931	176,3%	18,5%
	Empregos	41.300	74.200	79,7%	10,3%
China	Ativos	18.944	193.346	920,6%	47,3%
	Vendas	2.964	22.088	645,2%	39,8%
	Valor Adicionado	420	5.157	1127,9%	51,9%
	Empregos	4.400	43.800	895,5%	46,7%
Índia	Ativos	18.168	59.561	227,8%	21,9%
	Vendas	10.584	27.754	162,2%	17,4%
	Valor Adicionado	2.684	6.383	137,8%	15,5%
	Empregos	32.900	56.500	71,7%	9,4%
México	Ativos	36.522	46.514	27,4%	4,1%
	Vendas	19.110	32.808	71,7%	9,4%
	Valor Adicionado	5.450	6.950	27,5%	4,1%
	Empregos	52.300	79.900	52,8%	7,3%
Rússia	Ativos	17.454	5.839	-66,5%	-16,7%
	Vendas	9.980	5.873	-41,2%	-8,5%
	Valor Adicionado	961	1.185	23,3%	3,6%
	Empregos*	14.000	(I)	-40,0%	-12,0%
Mundo	Ativos	11.491.424	13.174.008	14,6%	2,3%
	Vendas	2.917.599	3.996.503	37,0%	5,4%
	Valor Adicionado	592.485	894.533	51,0%	7,1%
	Empregos	5.290.300	6.820.700	28,9%	4,3%

Fonte: BEA (2018)

Notas: \* No caso da Rússia, para calcular a variação e a taxa de crescimento médio anual do emprego, utilizou-se os últimos dados disponíveis desse país, neste caso, os valores referem-se ao período 2009-2013, sendo que, no ano de 2013, haviam 8.400 empregos.

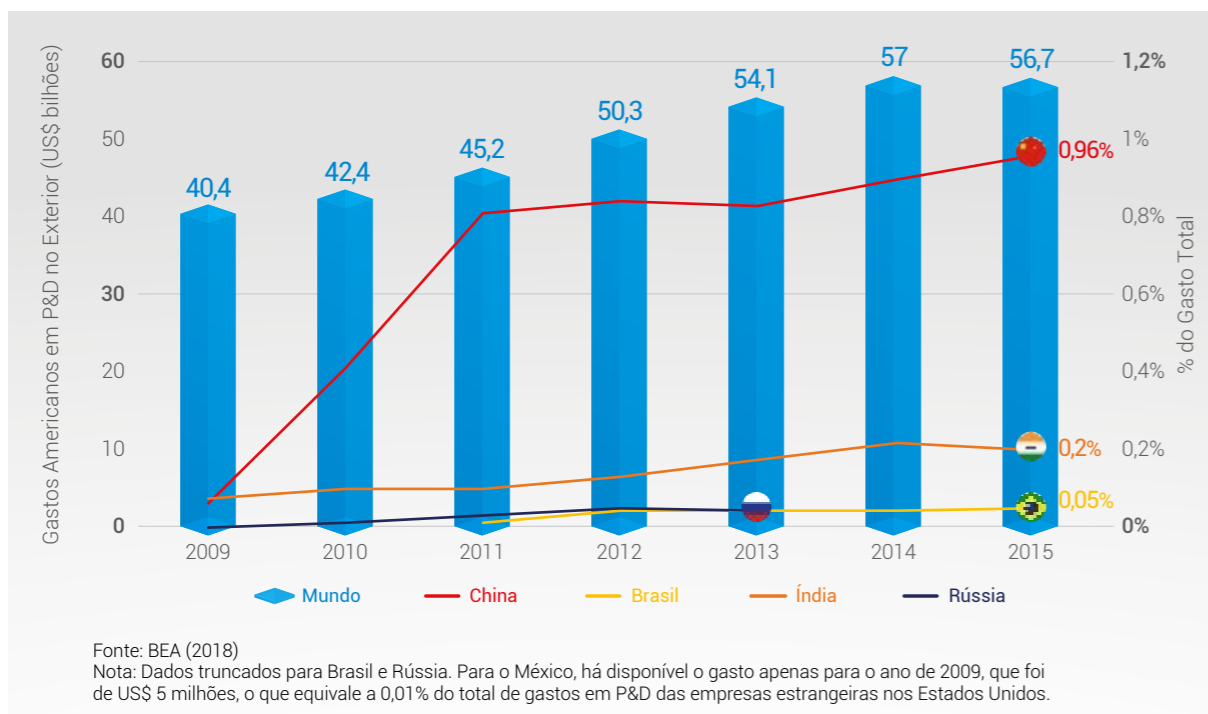
(I) Refere-se aos dados de emprego que foram suprimidas pela BEA, mas que se encontram no intervalo entre 5.000 e 9.999 empregos.

As multinacionais chinesas venderam menos da metade do que as empresas brasileiras venderam internamente em 2015, apesar de terem o maior valor em ativos estrangeiros nos Estados Unidos. Além disso, em termos de emprego, as empresas chinesas empregavam 60% menos pessoas do que as empresas brasileiras, como mostra a Tabela 7. Apesar disso, a China experimenta a maior taxa de crescimento anual em comparação com as outras economias emergentes.

Muito embora com um dinamismo um pouco menor que o chinês, Brasil e Índia também apresentaram taxas de crescimentos superiores às mundiais em todas as variáveis, enquanto para as multinacionais mexicanas isso ocorreu em três variáveis. Diferentemente, as empresas russas apresentaram taxas negativas em três variáveis.

Os gastos em P&D das filiais estrangeiras nos Estados Unidos, no período 2009-2015, foram demonstrados na Figura 20. As empresas estrangeiras aumentaram seus gastos em P&D no território americano a uma taxa média de crescimento anual de 5,8%, alcançando US\$ 56,7 bilhões em 2015. Apesar do crescimento chinês significativo em P&D, em 2015 ele representava apenas 0,96% do total gasto em P&D pelas filiais estrangeiras nos Estados Unidos. No entanto, esse valor supera os gastos das multinacionais indianas, brasileiras e russas que consistentemente desembolsaram menos de 0,5% do total em todos os anos do período analisado.

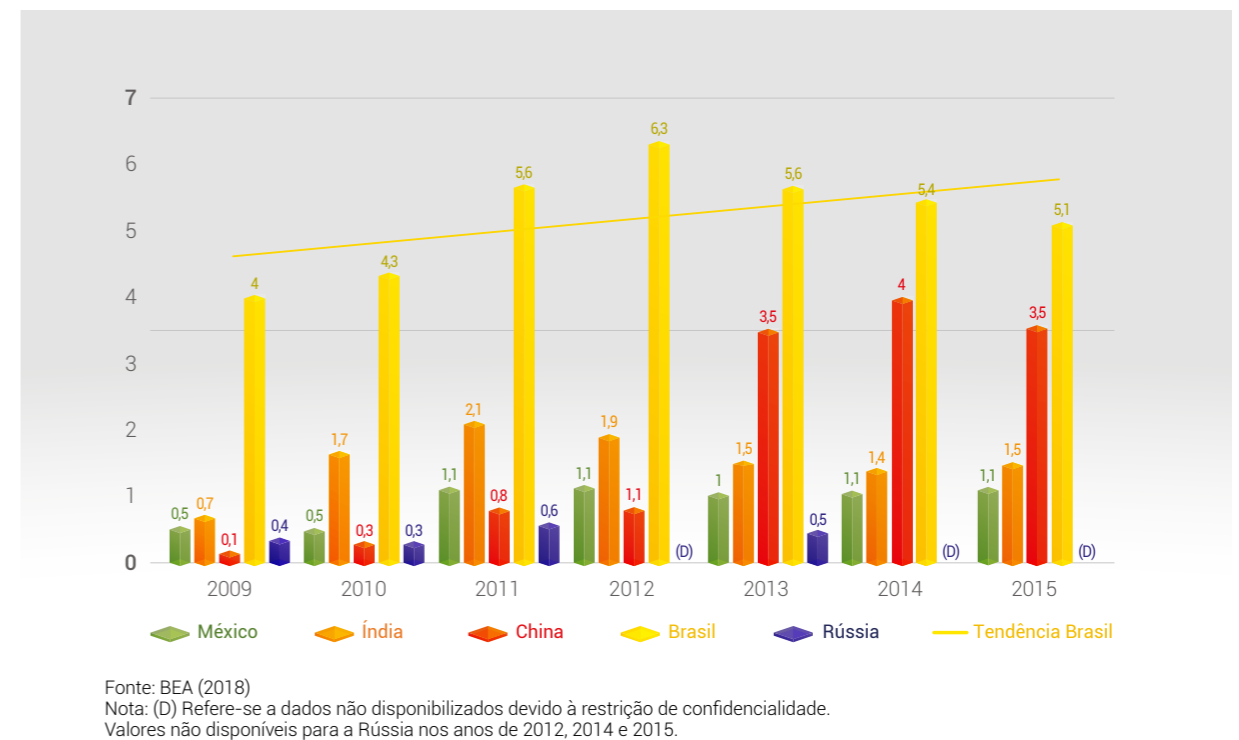
Figura 20 - Gastos em P&D das empresas estrangeiras nos EUA



As Figuras 21 e 22 apresentam o valor das exportações e das importações americanas realizadas por filiais estrangeiras estabelecidas nos Estados Unidos, no período 2008-2017. Novamente, entre

os emergentes analisados, o Brasil é o maior destaque. As filiais brasileiras contribuíram com o maior valor para as exportações totais americanas, atingindo US\$ 5,1 bilhões em 2015. Adicionalmente, as exportações americanas originárias das filiais brasileiras nos EUA apresentaram uma tendência positiva no período 2009-2015, com taxa média anual de crescimento de 4,2%. Além disso, no ano de 2012, as multinacionais do Brasil exportaram, a partir dos Estados Unidos, US\$ 6,3 bilhões em bens para o mundo.

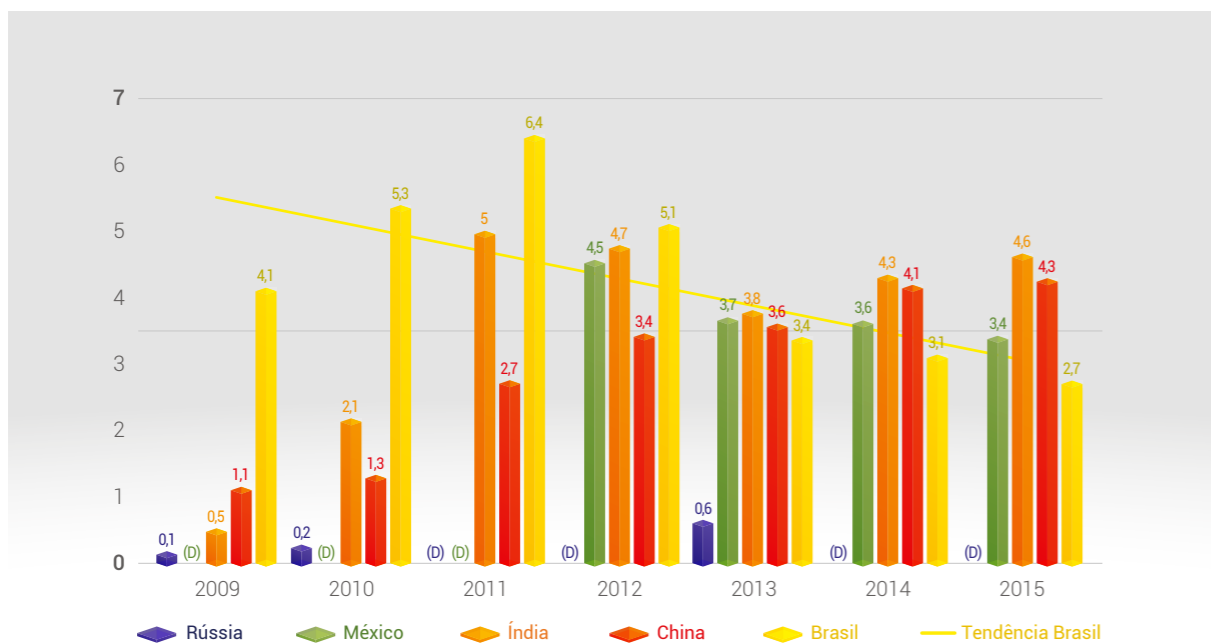
Figura 21 - Exportações americanas de filiais estrangeiras (US\$ Bilhões)



As filiais chinesas nos EUA também aumentaram significativamente as exportações americanas de 2013 a 2015, alcançando um total de US\$ 3,5 bilhões. Por outro lado, Índia, México e Rússia tiveram valores muito abaixo dos verificados para o Brasil. Em 2014, as filiais indianas, mexicanas e russas exportaram US\$ 1,4 bilhão, US\$ 1,1 bilhão e US\$ 0,5 bilhão, respectivamente.

Em relação às importações, enquanto que as filiais indianas e chinesas estabelecidas em território norte-americano aumentaram suas importações no período 2009-2015, as brasileiras e as mexicanas diminuíram suas importações a partir de 2012. Em 2015, as importações americanas realizadas pelas multinacionais indianas, chinesas, mexicanas e brasileiras somaram US\$ 4,6 bilhões, US\$ 4,3 bilhões e US\$ 3,4 bilhões e US\$ 2,7 bilhões, respectivamente.

Figura 22 – Importações americanas de filiais estrangeiras (US\$ Bilhões)



Fonte: BEA (2018)  
 Nota: (D) Refere-se a dados não disponibilizados devido à restrição de confidencialidade.  
 Valores não disponíveis para a Rússia nos anos de 2011, 2012, 2014 e 2015 e, para o México, em 2009, 2010 e 2011.

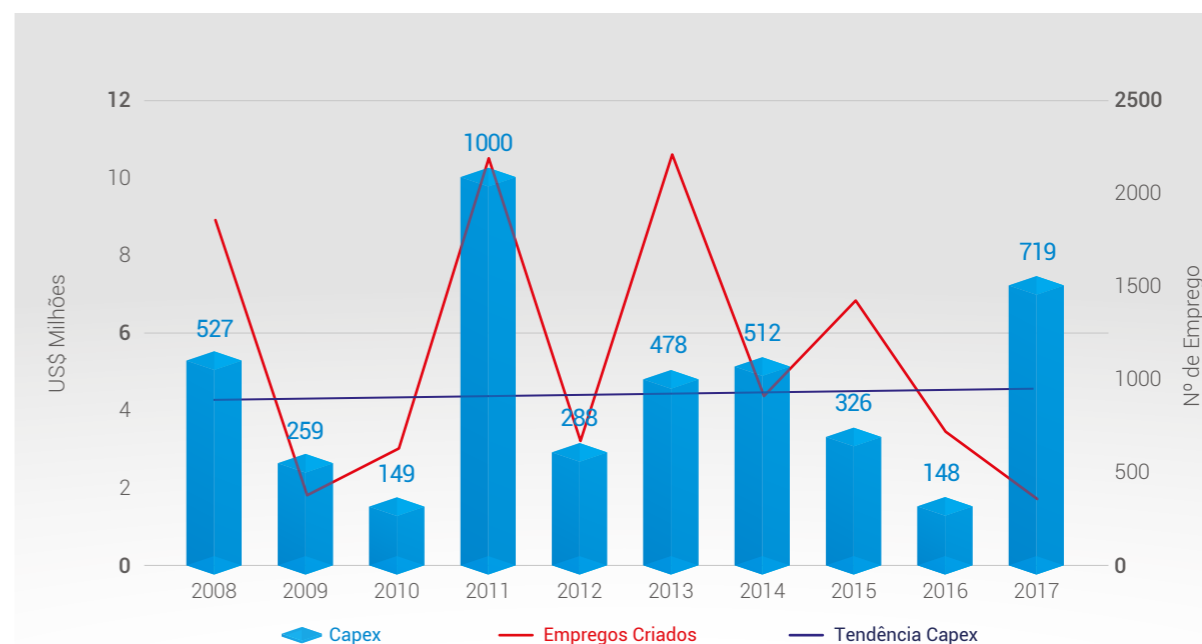
Dessa forma, levando em conta o aumento do estoque de IED brasileiro nos EUA, o crescimento das exportações e a redução das importações americanas, a partir de multinacionais brasileiras, há indícios de que os investimentos brasileiros objetivam não apenas a busca por mercado, mas também uma maior eficiência e uma maior inserção nas Cadeias Globais de Valor. Esse comportamento foi contrário ao observado pelos investimentos das empresas indianas, que parecem estar mais interessadas em obter maior acesso ao mercado norte-americano.

## 2.2. Anúncios de Investimento *Greenfield* do Brasil nos Estados Unidos

No período 2008-2017, os dados do fDi Markets apontam que o Brasil anunciou um total de 656 projetos de investimento *greenfield* em 76 países, os quais somaram US\$ 51,1 bilhões. Pelo critério de número de projetos, os Estados Unidos foram os maiores contemplados pelos anúncios brasileiros de investimento. Em termos de valor, os norte-americanos foram o segundo principal destino, ficando atrás apenas da Colômbia. Nos Estados Unidos, os investimentos *greenfield* foram anunciados por 92 empresas brasileiras, por meio de 138 projetos, nos quais a estimativa de Capex e de geração de emprego totalizaram US\$ 4,4 bilhões e 11.340 pessoas, respectivamente, nesse período.

A Figura 23 apresenta o valor do investimento anual *greenfield* brasileiro anunciado (US\$ milhões) destinado aos Estados Unidos, bem com a estimativa de número de empregos gerados entre 2008-2017. Primeiramente, percebe-se uma volatilidade grande da série de tempo e uma tendência levemente positiva. Além disso, a maior concentração de anúncios de investimento ocorreu no ano de 2011, período em que o investimento total atingiu US\$ 1 bilhão, e o mais baixo foi observado em 2016, com menos de 15% do valor máximo supracitado.

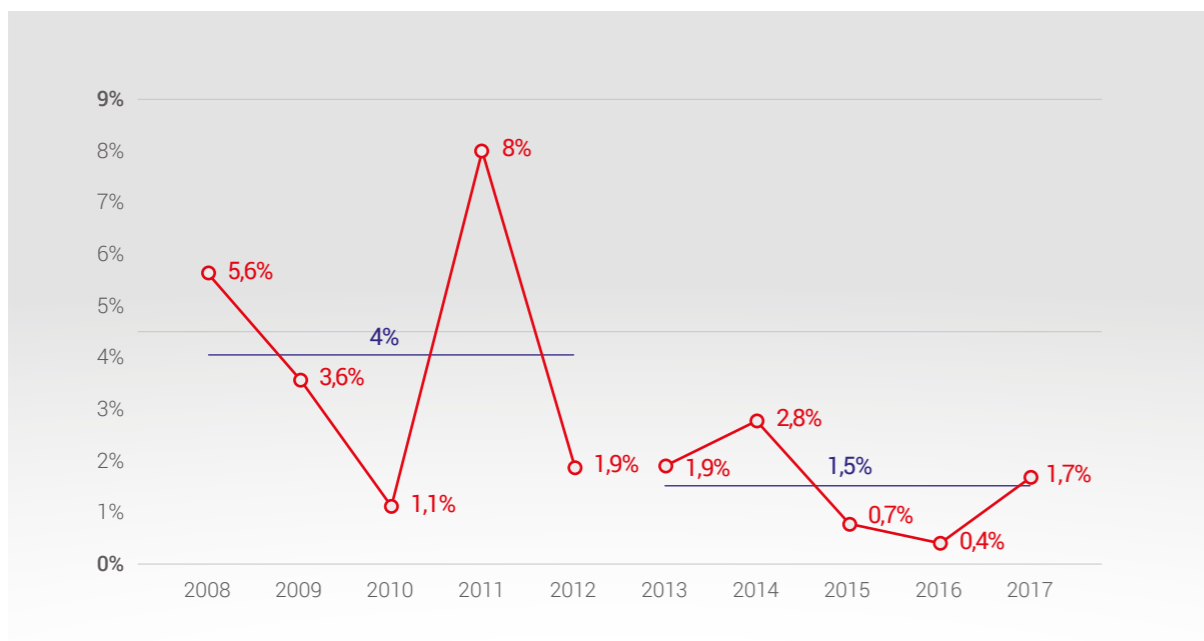
Figura 23 - Evolução dos anúncios de investimento *greenfield* do Brasil nos EUA



Fonte: fDi Markets (2018)

Em contrapartida, a Figura 24 pondera os anúncios de investimento *greenfield* do Brasil nos EUA pelo estoque de IED brasileiro alocado em território americano, entre 2008 a 2017. O percentual médio, no período 2008-2012, é mais que o dobro do observado no período 2013-2017, visto a redução de 4% para 1,5% nos respectivos períodos. Ademais, o primeiro período apresentou maior volatilidade se comparado ao que pode ser observado no segundo.

Figura 24 - Anúncios de investimento *greenfield* do Brasil nos EUA em % estoque de IED

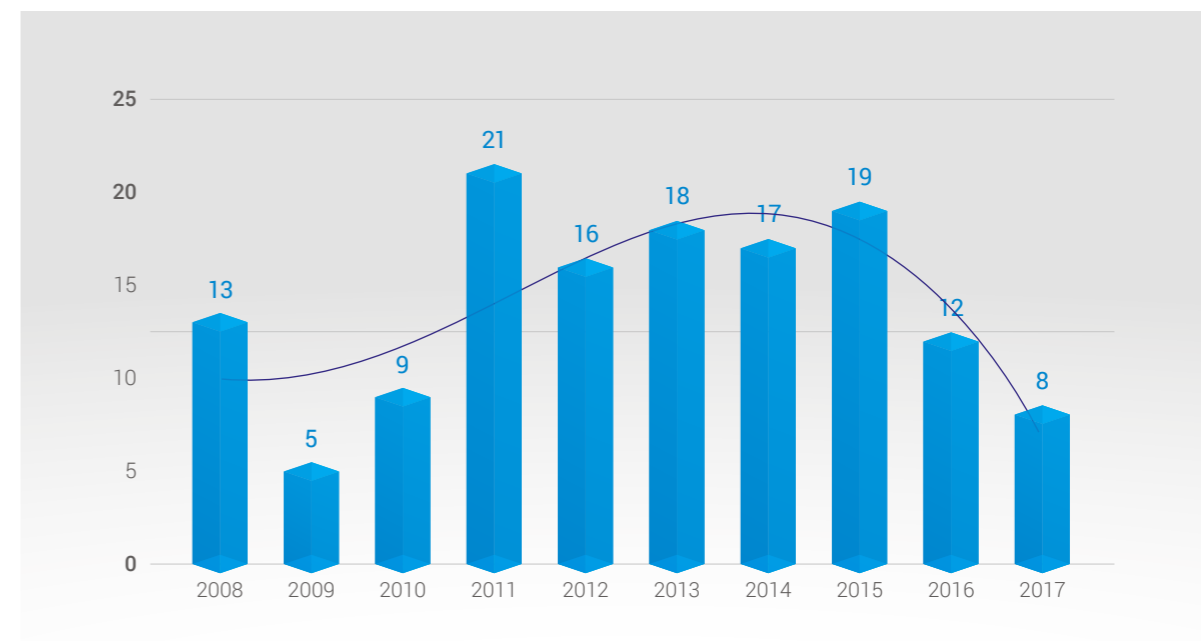


Fonte: fDi Markets (2018) e BEA (2018)

Os maiores percentuais de anúncios de investimento *greenfield* ponderados pelo estoque de IED foram observados em 2011 e em 2008, anos em que eles atingiram 8% e 5,6%, respectivamente. Possivelmente, esses anúncios de investimentos, se concretizados, expliquem uma parte do crescimento do estoque de IED brasileiro nos Estados Unidos no período 2008-2017, refletindo o observado na Tabela 6. Alternativamente, a queda do percentual ocorrida nos últimos anos pode indicar que o estoque de IED do Brasil em território norte-americano terá um crescimento muito modesto nos próximos anos.

A trajetória dos anúncios de investimento *greenfield* do Brasil nos Estados Unidos em termos de número de projetos, durante todo o período, é retratada na Figura 25. Possivelmente, a crise financeira mundial de 2008 tenha impactado negativamente o anúncios de projetos de investimento em 2009 e 2010, porém após a crise, esse número cresceu, variando de no máximo 21 e no mínimo 16 por ano. Entretanto, em 2016 e 2017 os anúncios de projeto de investimento voltaram a cair. Especificamente, juntos esses dois anos não atingem nem o número de anúncios ocorridos em 2011.

Figura 25 - Número anúncios de projetos de investimento *greenfield* do Brasil nos EUA



Fonte: fDi Markets (2018)

Em termos setoriais, os anúncios de investimento *greenfield* do Brasil nos Estados Unidos foram diversificados, dado que abrangeram 25 setores diferentes, conforme sintetiza a Tabela 8. Entre eles, o maior investimento anunciado ocorreu no setor de “Plásticos”, por meio de oito projetos que foram executados por sete empresas brasileiras<sup>28</sup> cujas estimativas eram de gerar 313 empregos e mais de US\$ 815 milhões em investimento *greenfield* em território norte americano no período 2008-2017. Em termos de valor anunciado, o setor de “Software e serviços de TI” tinha uma participação de apenas 3,8% do investimento total do período. Entretanto, “Software e serviços de TI” se destaca com 20 empresas brasileiras que anunciaram 27 projetos de investimento *greenfield*, com valor estimado de US\$ 167,4 milhões e 1.969 empregos gerados nos Estados Unidos.

Ademais, em termos de valor, os setores “Químicos”, “Têxteis”, “Carvão, petróleo e gás natural” e “Metais” anunciaram investimentos na ordem de US\$ 573,5 milhões, US\$ 418,1 milhões, US\$ 402,8 milhões e US\$ 382,8 milhões, respectivamente. Em virtude disso, esses setores ocuparam a segunda, a terceira, a quarta e a quinta posições, respectivamente, no ranking dos setores com maior valor de investimento brasileiro anunciado nos Estados Unidos.

Além disso, os setores “Têxteis”, “Alimentação e fumo” e “Farmacêutico” também tinham a expectativa de gerar mais de 1.000 novos postos de trabalho nos Estados Unidos. Vale destacar também que a definição de “Outros” se refere à agregação dos seguintes setores: “Borracha”, “Produtos de consumo”, “Comunicações”, “Componentes eletrônicos”, “Máquinas, equip. e ferramentas

<sup>28</sup> Providencia USA Inc, Braskem America, Industria Brasileira de Anilinas (INBRA), Clodam do Brasil, Valfilm North America, Braskem e Koinonia Espumas.



industriais”, “Serviços profissionais”, “Cerâmica e vidro”, “Motores e turbinas”, “Componentes automotivos”, “Biotecnologia”, “Transporte”, “Equipamentos médicos” e “Bebidas”.

Tabela 8 - Setores com investimento greenfield anunciados pelo Brasil nos EUA\*

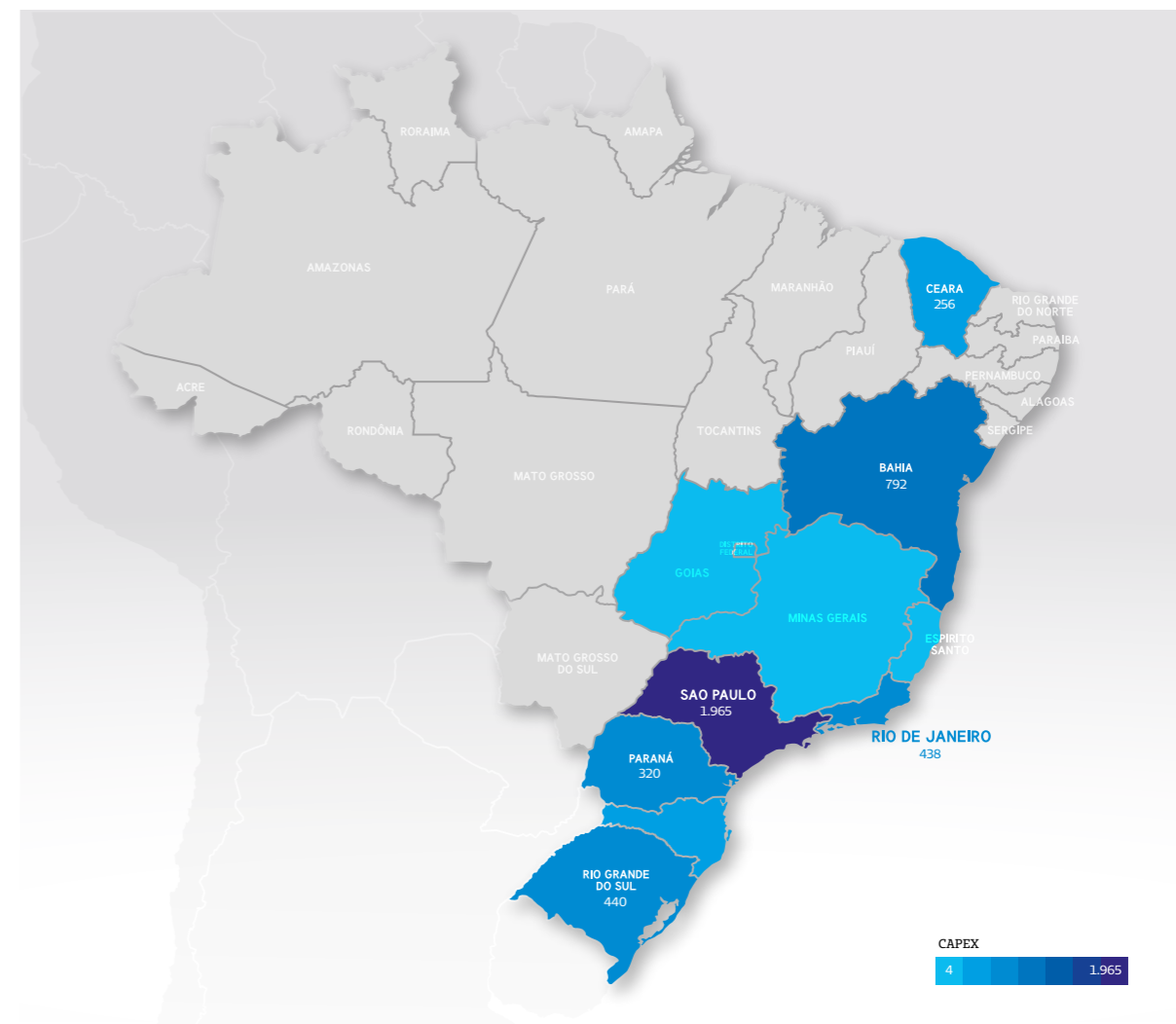
Setor	Projetos	Capex (US\$ milhões)	Participação	Empregos Criados	Empresas
Plásticos	8	815,3	18,5%	313	7
Químico	10	573,5	13,0%	380	7
Têxteis	5	418,1	9,5%	1.198	3
Carvão, petróleo e gás natural	3	402,8	9,1%	368	3
Metais	13	382,8	8,7%	788	5
Alimentação e fumo	13	369,4	8,4%	1.576	6
Farmacêutico	2	223,6	5,1%	1.396	2
Energia alternativa / renovável	1	203,1	4,6%	54	1
Serviços financeiros	18	200,2	4,5%	698	11
Aeroespacial	7	171,1	3,9%	693	2
Software e serviços de TI	27	167,4	3,8%	1.969	20
Papel, impressão e embalagem	1	120,0	2,7%	329	1
Outros (13)	30	358,3	8,1%	1.578	27
<b>Total</b>	<b>138</b>	<b>4.406</b>	<b>100,0%</b>	<b>11.340</b>	<b>92</b>

Fonte: fDi Markets (2018)  
\*Refere-se ao valor acumulado no período 2008-2017.

O Mapa 5 retrata os estados brasileiros que originaram os anúncios de investimento *greenfield* nos Estados Unidos no período 2008-2017, por meio de um mapa de calor. Apesar de 11 estados brasileiros terem sido origem de anúncios de investimento nesse período, notoriamente os anúncios se concentraram em São Paulo, com anúncios que totalizaram US\$ 1,9 bilhão, o que equivale, aproximadamente, a 44,6% do total anunciado pelo Brasil nos Estados Unidos.

Os outros cinco maiores estados de origem identificados no Mapa 5 incluem a Bahia, o Rio Grande do Sul, o Rio de Janeiro, o Paraná e o Ceará. As empresas desses estados anunciaram investimentos de US\$ 792 milhões, US\$ 440 milhões, US\$ 438 milhões, US\$ 320 milhões e US\$ 256 milhões, respectivamente. Em conjunto, esses anúncios de investimentos alcançaram 50,9% do Investimento Total do período 2008-2017.

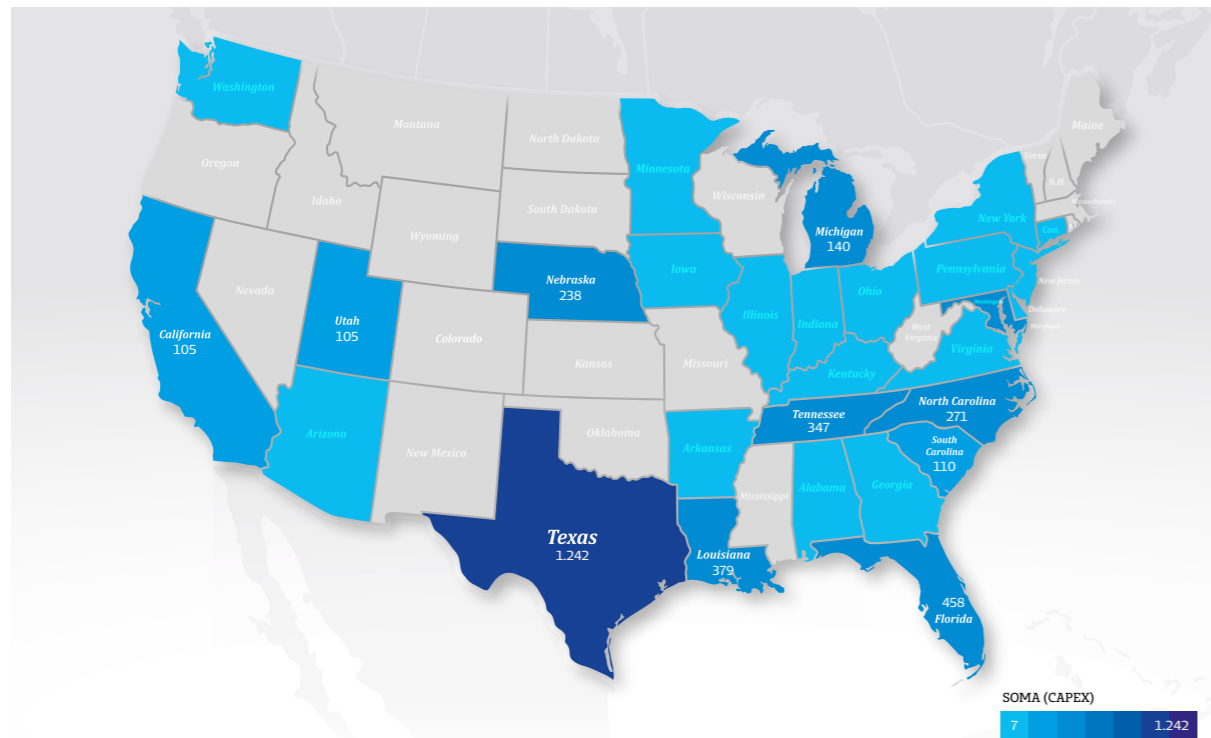
Mapa 5 - Estados de origem dos anúncios de investimento greenfield do Brasil nos EUA (US\$ milhões)\*



Fonte: fDi Markets (2018)  
Nota: A base de dados do fDi Markets não especifica o Estado de origem de 3 projetos de investimentos greenfield. Esses totalizaram, no período 2008-2017, US\$ 11,7 milhões de investimentos, nos quais foram anunciados por 3 empresas brasileiras.

O Mapa 6 apresenta os estados norte-americanos que foram destino dos anúncios de Investimentos brasileiros durante o mesmo período. No total, vinte e sete estados norte-americanos foram destino de investimento do Brasil, porém somente os onze que receberam anúncios superiores a US\$ 100 milhões foram destacados no mapa. Durante o período supracitado, há uma concentração de anúncios de investimento no Texas, com um total de US\$ 1,242 bilhão, o que representa 28,2% do total anunciado. Após o Texas há Flórida, Luisiana, Tennessee, Carolina do Norte e Nebraska que receberam, respectivamente 10,4%, 8,6%, 7,9%, 6,2% e 5,4% do total de anúncios. Com percentual entre 2% e 5% do total de anúncios, Maryland, Michigan, Carolina do Sul, Utah e Califórnia também foram identificados no mapa, visto que foram destino de investimentos de US\$ 214 milhões, US\$ 140 milhões, US\$ 110 milhões, US\$ 105 milhões e US\$ 105 milhões, respectivamente.

Mapa 6 - Estados de destino nos EUA dos anúncios de investimento *greenfield* do Brasil (US\$ milhões)\*



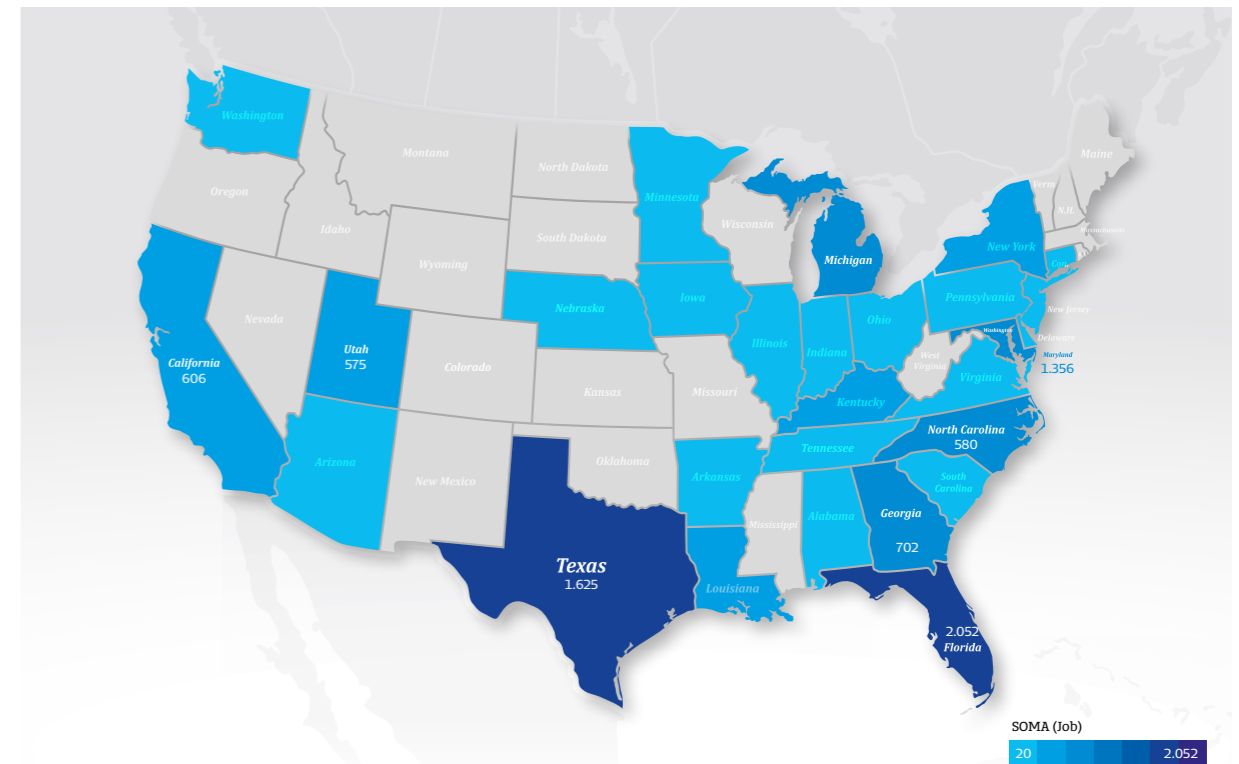
Fonte: fDi Markets (2018)  
 Nota: A base de dados do fDi Markets não especifica o Estado de destino de 6 projetos de investimentos *greenfield*. Esses totalizaram, no período 2008-2017, US\$ 173,3 milhões de investimentos, nos quais foram anunciados por 5 empresas brasileiras.

No Texas, os setores mais beneficiados foram “Plásticos”, “Químicos” e “Têxteis”, com anúncios de investimento *greenfield* de US\$ 712,5 milhões, US\$ 208,00 milhões e US\$ 256,1 milhões, respectivamente. O estado da Flórida foi o destino dos anúncios de investimento nos setores “Aeroespacial”, “Serviços financeiros”, “Software e serviços de TI” e “Alimentos e Fumo”, os quais contemplavam projetos *greenfield* que somavam US\$ 157,2 milhões, US\$ 98,9 milhões, US\$ 38 milhões e US\$ 62,6 milhões, respectivamente. No estado da Luisiana, os investimentos no setor de “Carvão, óleo e Gás” totalizaram US\$ 379,4 milhões. Assim como o Texas, o estado do Tennessee também investiu em “Químicos”, porém o valor foi ainda maior, com um montante de US\$ 331,3 milhões no período. Os anúncios de investimento brasileiro no setor “Farmacêutico” foram destinados ao estado de Maryland, com um total de US\$ 200 milhões.

Os investimentos nos setores de “Papel, impressão e embalagem” e de “Energia alternativa / renovável” foram 100% concentrados na Carolina do Norte e no Nebraska. Especificamente, a Carolina do Norte recebeu US\$ 120 milhões de anúncios de investimento no setor de “Papel, impressão e embalagem”, enquanto que Nebraska foi contemplado com US\$ 203,1 milhões de investimento em “Energia alternativa / renovável”. Com concentração setorial inferior a 30%, Utah, Michigan, Califórnia e Carolina do Sul foram destino de anúncios de investimento *greenfield* brasileiros nos setores “Alimento e Fumo”, “Metais”, “Software e serviços de TI” e “Têxteis”, respectivamente.

Já o Mapa 7 apresenta a estimativa de empregos gerados pelas multinacionais brasileiras nos estados norte-americanos. Diante disso, as maiores expectativas de empregos gerados, entre 2008-2017, foram nos estados da Flórida, Texas, Maryland e Geórgia, com um total de 2.052, 1.625, 1.356 e 702, respectivamente.

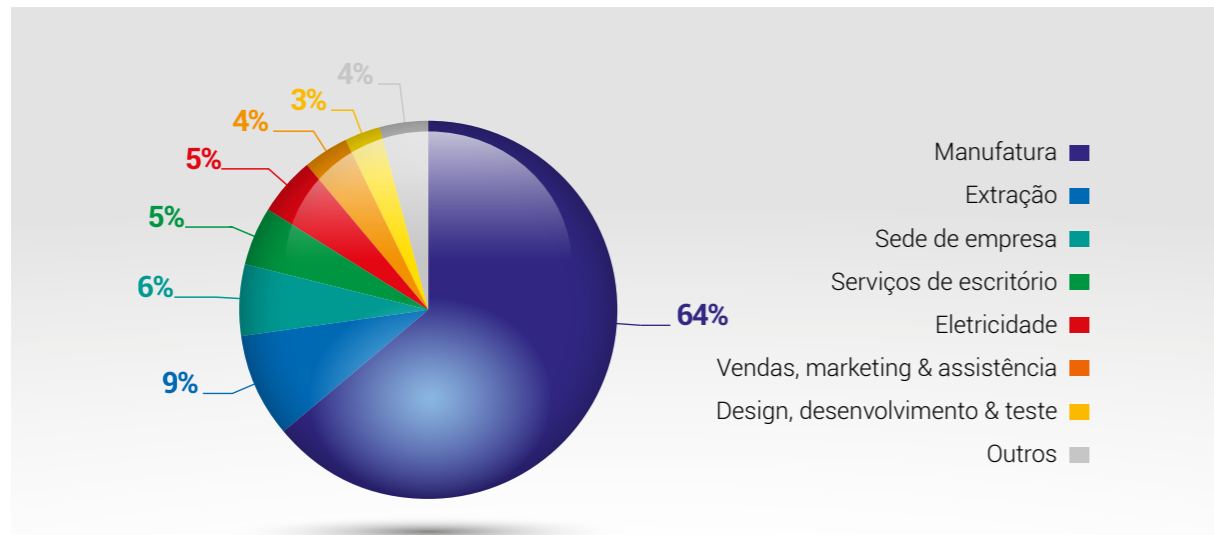
Mapa 7 - Estados de destino nos EUA dos anúncios de investimento *greenfield* do Brasil (Nº Empregos)\*



Fonte: fDi Markets (2018)  
 Nota: A base de dados do fDi Markets não especifica o Estado de destino de 6 projetos de investimentos *greenfield*. Esses totalizaram, no período 2008-2017, 430 novos postos de trabalho nos Estados Unidos nos quais foram anunciados por 5 empresas brasileiras.

Os investimentos *greenfield* do Brasil nos Estados Unidos se concentram na atividade de “Manufaturas”, com 64% do valor total de anúncios do período 2008-2017, como observado na Figura 26. Individualmente, todas as demais atividades representavam menos de 10% do total de anúncios de investimento brasileiros em território norte-americano, sendo que, entre essas, as mais relevantes foram: “Extração” (9%), “Sede de empresa” (6%), “Serviços de escritório” (5%), “Eletricidade” (5%), “Vendas, marketing & assistência” (4%) e “Design, desenvolvimento & teste” (3%). Na Figura 26, “Outros” refere-se as atividades de “Logística, distribuição & transporte”, “Serviços de manutenção”, “Reciclagem” e “Centro de suporte técnico”.

Figura 26 - Investimentos greenfield anunciados pelo Brasil nos EUA por atividades (%Total)\*



Fonte: fDi Markets (2018)  
\*Refere-se ao valor acumulado no período 2008-2017.

Por fim, as multinacionais brasileiras responsáveis pelos dez maiores investimentos nos Estados Unidos durante 2008-2017, em termos de valor, foram listadas na Tabela 9. No período já referenciado, a Odebrecht e a JBS foram as empresas que mais anunciaram investimentos *greenfield* no território estadunidense, com um total de US\$ 792 milhões e US\$ 508 milhões, respectivamente. Entretanto, a JBS apresentou um maior número de projetos e de empregos criados, com um total de 12 projetos e 1.423 postos de trabalhos criados. Em termos de valor, a Petrobras foi a multinacional brasileira com o terceiro maior anúncio de investimento nos EUA. Essa empresa do setor de “Carvão, petróleo e gás” investiu US\$ 379 milhões, por meio de um único projeto.

Tabela 9 - Empresas brasileiras com anúncios de investimento greenfield nos Estados Unidos\*

Empresas	Setor	Projetos	Capex (US\$ Milhões)	Participação (%)	Empregos Criados
Odebrecht	Multissetor	4	792	18,0%	272
JBS	Multissetor	12	508	11,5%	1.423
Petrobras	Carvão, petróleo e Gás	1	379	8,6%	260
Gerdau	Metal	11	360	8,2%	670
Santana	Têxtil	2	256	5,8%	1.100
Petropar	Multissetor	3	222	5,0%	399
Ultrapar	Químico	2	208	4,7%	92
Votorantim Participacoes	Químico	2	208	4,7%	92
EMS	Farmacêutico	1	200	4,5%	1.298
Companhia Providencia	Multissetor	2	140	3,2%	84
Outras (74)	-	98	1.133	25,7%	5.650
<b>Total</b>		<b>138</b>	<b>4.406</b>	<b>100%</b>	<b>11.340</b>

Fonte: fDi Markets (2018)  
\*Refere-se ao valor acumulado no período 2008-2017.

No setor de “Metais”, o investidor proeminente é a Gerdau, que anunciou 11 projetos de investimento nos quais contemplavam US\$ 360 milhões e que tinha estimativa de gerar 670 empregos. Em “Químicos”, a Ultrapar e a Votorantim, ambas com características de investimento semelhantes, visto que cada uma anunciou 2 projetos de investimento *greenfield* que totalizaram US\$ 208 milhões e 92 empregos. No setor “Farmacêutico”, o investimento mais relevante foi anunciado pela EMS cuja estimativa era de gerar 1.298 empregos, por meio de um anúncio de investimento de US\$ 200 milhões no período. Outra empresa com um número elevado de empregos gerados foi a Santana, por meio de dois anúncios de projetos *greenfield* que geraram 1.100 postos de trabalho e somaram US\$ 256 milhões de investimentos no período.

### 2.3. Estudo de Cases de empresas brasileiras nos Estados Unidos.

Para demonstrar as práticas de negócios envolvendo empresas brasileiras e americanas, no que tange ao IED bilateral, o presente estudo destaca a presença de empresas brasileiras nos Estados Unidos para ilustrar casos de sucesso desses investimentos.

#### OXITENO



**Setor:** Químico

**Ano de fundação:** 1973

**Breve histórico:** A Oxiteno desenvolve soluções inovadoras e sustentáveis para os mercados de agroquímicos, cuidados pessoais, limpeza doméstica e institucional, petróleo e gás, revestimentos, entre outros. A empresa está presente nas Américas, Europa e Ásia e suas 12 unidades industriais estão localizadas no Brasil, EUA, México, Uruguai e Venezuela. Além disso, possui escritórios comerciais na Argentina, Bélgica, China, Colômbia, EUA, Venezuela e México, e centros de pesquisa & desenvolvimento nos EUA, México e Brasil. A empresa faz parte do Grupo Ultra, um dos maiores conglomerados econômicos do Brasil.

**Ano da internacionalização e localização do empreendimento no exterior:** Nos EUA, as operações da Oxiteno se iniciaram com a abertura de seu escritório comercial em 2007, como parte da estratégia de internacionalização nas Américas. Em 2012, a empresa adquiriu uma planta industrial nos EUA. A planta industrial em Pasadena, no Texas; o escritório em Houston, Texas; e o centro de P&D em Hattiesburg, MS, operam juntos para atender com excelência os clientes na América do Norte através de vários canais e com um portfólio de produtos e soluções.

**Fatores para a escolha de internacionalizar naquele mercado (decision tracking):** A decisão de investimento reflete a importância desse mercado, tanto da perspectiva de consumo quanto das condições de oferta das matérias-primas. Também consolida os EUA no centro da estratégia de crescimento da companhia e garante o atendimento local a clientes em todo o país, além de atender as necessidades e expectativas de diversos clientes estratégicos em nível global.

**Dados Financeiros:** Em seis anos, a Oxiteno investiu cerca de US\$ 200 milhões nos Estados Unidos, criou mais de 120 empregos diretos, e muitos empregos indiretos.

## MICROBIOL



**Setor:** Fabricação de adubos e fertilizantes, exceto fertilizantes organo-minerais

**Ano de fundação:** 2000

**Breve histórico:** A Microbiol é responsável pela produção e comercialização da marca MICROGEO®. Microgeo é um produto fertilizante patenteado resultado de muita pesquisa. Foi desenvolvido em 2000 na cidade de Limeira, estado de São Paulo - Brasil. Para garantir o fornecimento imediato de clientes e revendedores, a planta tem capacidade de produção de até 120 toneladas por dia. Desde o recebimento das matérias-primas de fornecedores 100% nacionais até a entrega do produto, a Microgeo deixa a fábrica em no máximo 48 horas e chega ao produtor com o apoio de parceiros e distribuidores dedicados da marca, estrategicamente localizados nas principais regiões agrícolas brasileiras e em países vizinhos, como Uruguai, Argentina, Bolívia e Paraguai. A Microgeo tem a certificação orgânica IBD e o produto está localizado em uma área de 5.000 m². A Microbiol, conta com mais de 100 colaboradores comprometidos para atender seus clientes.

**Ano da internacionalização e localização do empreendimento no exterior:**

- » **University of Minnesota:** 3 anos de validação (safra 2015, 2016, 2017) no Centro de Pesquisas da Universidade em Lambertson, MN. Devido ao manejo, clima e ao tipo de solo da região, os resultados não demonstraram uma viabilidade financeira favorável.
- » **Virginia Polytechnic Institute and State University:** 3 anos de validação (safra 2018, 2019, 2020) em Blacksburg, VA. Iniciaram um novo experimento nessa região por ter um tipo de solo e clima diferente da região de Minnesota, visto que a empresa acredita que a sua tecnologia possa apresentar um resultado mais efetivo na Virginia.

**Fatores para a escolha de internacionalizar naquele mercado (decision tracking):** A expansão para novos mercados pretende diminuir sua dependência do mercado interno brasileiro, que, apesar de ter um enorme potencial, é muito dependente das condições climáticas e pode ser afetado pela crise econômica regional.

**Dados Financeiros:** Não fornecidos.

## TOTVS



**Setor:** Software

**Ano de fundação:** 1983

**Breve histórico:** Líder no mercado de softwares de gestão empresarial, a TOTVS é reconhecida por sua inovação. Detentora de mais de 50% de market share no Brasil e 26 mil clientes na América Latina. Para se manter na vanguarda, a companhia investe em pesquisa e possui polos de desenvolvimento segmentados.

**Ano da internacionalização e localização do empreendimento no exterior:** Em 2012, a empresa brasileira abriu o escritório TOTVS Labs no Vale do Silício, com o foco em inovação e desenvolvimento de novos produtos e soluções para a companhia. Lá são criadas soluções em linha com as mais modernas tendências de tecnologia, como computação em nuvem, mobilidade, big data e social.

**Fatores para a escolha de internacionalizar naquele mercado (decision tracking):** A empresa optou por abrir um centro para testar e criar novos produtos e negócios nessa região devido à sua história, disponibilidade de talentos com habilidades tecnológicas e cultura de inovação.

**Dados Financeiros:** O Escritório TOTVS Lab emprega 14 funcionários diretamente.

## REFERÊNCIAS

**BUREAU OF ECONOMIC ANALYSIS (BEA). BEA International Trade and Investment Country Facts.**

Disponível em: <<http://bea.gov>>. Acesso em: agosto, 2018.

**FINANCIAL TIMES (fDi MARKETS). Database.**

Disponível em: <<http://www.FDImarkets.com>>. Acesso em: agosto, 2018.

**UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD).**

**World Investment Report 2018.**

Disponível em: <<http://unctad.org>>. Acesso em: agosto, 2018.

**ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OECD).**

**Glossary of Foreign Direct Investment Terms and Definitions.**

Disponível em: <<http://www.oecd.org/daf/inv/investment-policy/2487495.pdf>>. Acesso em: agosto, 2018.

**VALOR ECONÔMICO (VALOR 1000). As 1000 maiores empresas do Brasil.**

Disponível em: <<https://www.valor.com.br/valor1000/2018/ranking1000maiores>>. Acesso em: agosto, 2018.